

# PREAMAR

Intervenções no  
Museu da Maré

ORGANIZAÇÃO  
Beatriz Pimenta

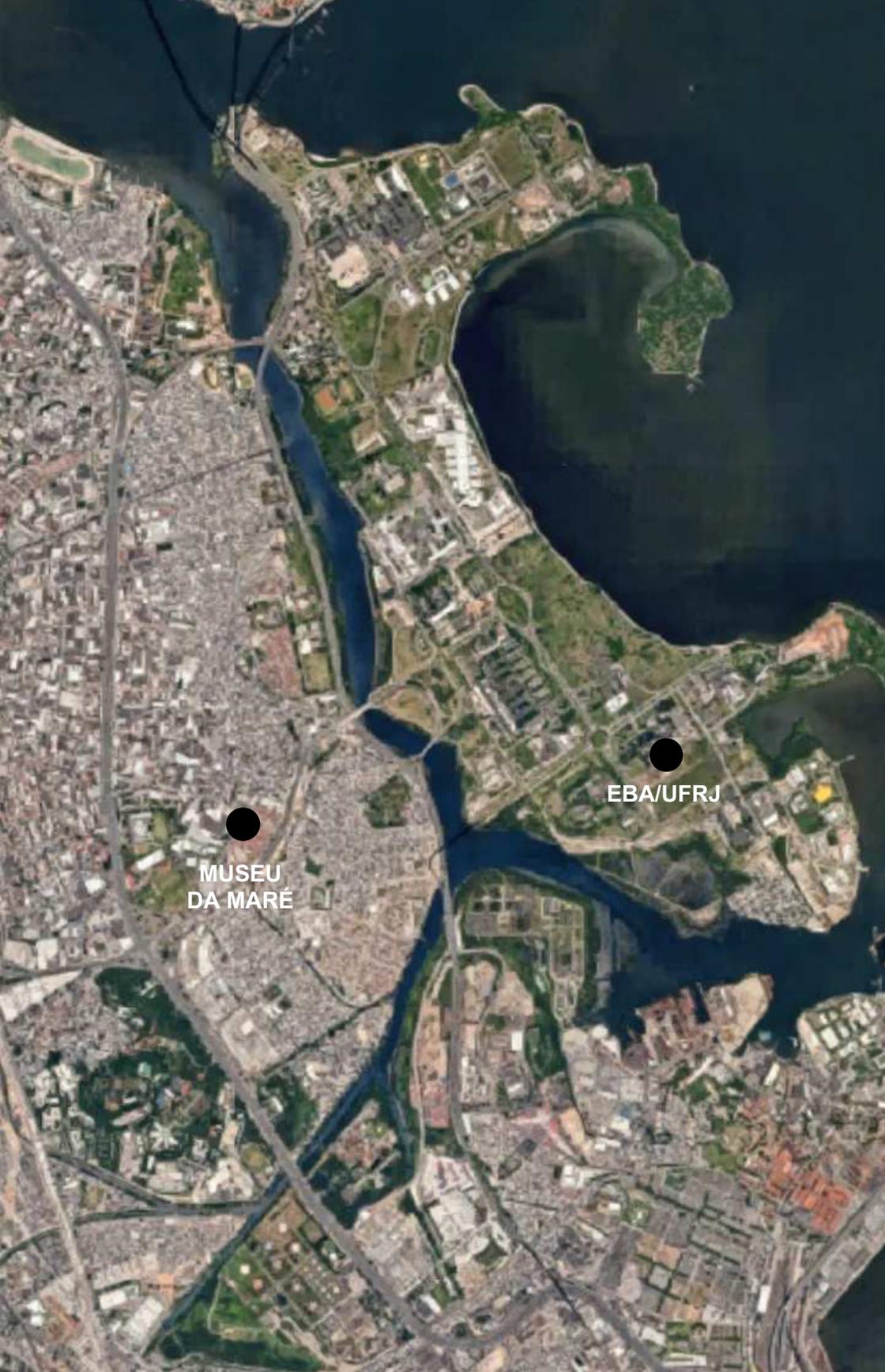


*PREAMAR: intervenções no Museu da Maré* é o título da exposição realizada por estudantes da EBA/UFRJ, que dialoga com o acervo, a história e a geografia do Museu da Maré. O projeto, vinculado ao Grupo de Pesquisa *A arte, a história e o museu em processo* (CNPq/UFRJ), ao Projeto de Extensão *INTERVENÇÕES* e ao LABPROA, da EBA/UFRJ, tem como objetivo incentivar a pesquisa e a produção de arte contemporânea, propondo-se a realizar, anualmente, em diferentes museus, uma exposição de porte significativo.

Intervenção além de ser uma ação desviante, as vezes interruptora de um projeto político, também pode ser o ato de contribuir com ideias no sentido de otimizar projetos que já se encontram em andamento, como foi o ocorrido no Museu da Maré.

Este livro documenta imagens dessas intervenções, junto a 3 textos críticos dos curadores da exposição: Beatriz Pimenta, Dinah de Oliveira & Clarelis R. da Silva, Ivair Reinaldim. O PDF deste e-book se encontra disponível na Plataforma PANTHEON, da UFRJ, esperamos que ele possa contribuir para a formação de um pensamento crítico, interdisciplinar, nos participantes do projeto, no Museu da Maré e no público em geral.





MUSEU  
DA MARÉ

EBA/UFRJ

# **PREAMAR:** **intervenções no Museu da Maré**

**Organização:** Beatriz Pimenta  
Textos de Beatriz Pimenta Velloso,  
Dinah de Oliveira & Clarelis R. da Silva,  
Ivair Reinaldim

Esta publicação é produto da exposição “PREAMAR: intervenções no Museu da Maré”, realizada entre 28 de setembro de e 15 de dezembro de 2023, no Museu da Maré, sediado na Av. Guilherme Maxwell, 26 - Maré, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

**Título:** PREAMAR: intervenções no Museu da Maré, 80 páginas, formato 23x15cm

**Publicação:** Editora da Escola de Belas Artes, 2023, Av. Pedro Calmon, 550 - Cidade Universitária da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro - RJ, CEP 21941-901

**ISBN:** 978-65-00-88155-4

**Organização:** Beatriz Pimenta Velloso

**Autores:** Beatriz Pimenta Velloso, Dinah de Oliveira & Clarelis R. da Silva, Ivair Reinaldim

**Artistas:** Ale Moret, Beatriz Pimenta, Daniel Gore, Débora Pitasse, Elisa Glener, Flávio Vindaurre & Matheus Frazão, Gabe Gamaliel, Júlia Lopes, Kháos, Lívia Di Santi, Sara Tostes, Vanessa Américo, Vix Palhano.

**Bolsistas do Projeto:** Ale Moret, Lívia Di Santi, Vix Palhano, Vanessa Américo

**Fotos:** Ale Moret, Beatriz Pimenta, Elisa Glener, Lívia Di Santi, Vitória Valente, José Bismark (Jornal O Cidadão), Raysa Castro (Jornal O Cidadão),

**Capa:** Vix Palhano

**Design e diagramação:** Beatriz Pimenta

### **Diretoria do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM)**

Maria Aparecida de Araújo  
Marilene Nunes da Silva Ernesto  
Lourenço Cezar da Silva  
Luiz Antônio de Oliveira  
Thaís Paiva da Felicidade  
Gestão do Museu da Maré  
Cláudia Rose Ribeiro da Silva  
Luiz Antônio de Oliveira  
Marilene Nunes  
Marli Damascena  
Vera Marta Alves de Carvalho

### **Coordenação Geral do Museu da Maré**

Cláudia Rose Ribeiro da Silva

### **Produção**

Flávio Vindaurre de Oliveira  
Matheus Frazão  
Vanessa Greff

### **Comunicação**

Ângelo Alves  
Flávio Vindaurre de Oliveira  
Jefferson Melo  
Yago Melo

### **Assessoria de Imprensa**

Carolina Vaz – Coordenadora do Jornal O Cidadão

### **Secretaria**

Leonice de Oliveira

### **Fotografia**

Ângelo Alves  
José Bismark  
Raysa Castro

**Agradecimentos:** Cláudia Rose, Matheus Frazão, Flávio Vindaurre, Jornal O Cidadão do Bairro da Maré, Carolina Vaz, José Bismark, Raysa Castro

## **SUMÁRIO**

### **APRESENTAÇÃO**

Claudia Rose – Coordenadora Geral do Museu da Maré 7

### **PREAMAR: intervenções no Museu da Maré**

Beatriz Pimenta Velloso – Coordenadora do Projeto 8

### **DISTRIBUIÇÃO DAS INTERVENÇÕES NO MUSEU DA MARÉ**

Planta baixa do Museu 10

### **FOTOS INTERVENÇÕES GRUPO 1**

Gabe Gamaliel, Flávio Vindaurre & Matheus Frazão,  
Lívia Di Santi, Ale Moret 11

### **TÃO LONGE, TÃO PERTO**

Beatriz Pimenta Velloso 24

### **FOTOS DAS INTERVENÇÕES GRUPO 2**

Curadoria Dinah de Oliveira e Clarelis R. da Silva 30

### **FREQUÊNCIAS DE MARÉ ALTA**

Clarelis R. da Silva e Dinah de Oliveira 43

### **FOTOS DAS INTERVENÇÕES DOS ARTISTAS DO GRUPO 3**

Curadoria Ivair Reinaldim 50

### **TEMPO, TEMPO, TEMPOS**

Ivair Reinaldim 66

### **MINIBIOS DOS ARTISTAS E AUTORES**

72

**FOTOS DA EXPOSIÇÃO: INAUGURAÇÃO E VISITAS GUIADAS** 76

## **APRESENTAÇÃO**

É com imensa alegria que o Museu da Maré e o Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM) apresentam a toda comunidade, aos parceiros, amigas, amigos, coletivos e movimentos sociais o e-book *PREAMAR: intervenções no Museu da Maré*, registro do desenvolvimento do projeto expográfico de mesmo nome, realizado em parceria com a Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Sob a coordenação da professora Beatriz Pimenta Velloso, projetos de intervenção em acervos de museus do Estado do Rio de Janeiro ocorreram anteriormente, especialmente em 2022, com a exposição intitulada *O que restou de ontem: intervenções no Museu da República*, que contou com a participação da artista plástica Martha Niklaus, amiga do Museu da Maré, que sugeriu à professora Beatriz desenvolver um projeto de interação com o nosso acervo.

Mas, ao contrário dos museus anteriores, aqui o projeto precisou ser desenvolvido a muitas mãos, com curadoria coletiva da equipe do Museu da Maré e da EBA/UFRJ. Nosso acervo não foi constituído por meio da força, da dominação e da conquista. Aqui estão objetos de moradoras e dos moradores, que os doaram ao Museu para serem canais de diálogo entre diferentes pessoas, tempos, lugares e realidades. O acervo museológico exposto ao público é por natureza um acervo decolonial, que carrega as histórias, memórias e os afetos dos mareenses.

Foi um longo caminho – nem sempre fácil e sem conflitos – até concluirmos a exposição *PREAMAR: intervenções no Museu da Maré*. Mas chegamos aqui, registrando nesta exposição o processo participativo de construção coletiva da nossa exposição. A professora Beatriz, estudantes extencionistas e bolsistas da EBA, junto aos artistas do Museu da Maré criaram peças de arte contemporânea em diferentes técnicas (artes plásticas, videoperformance, objetos interativos que podem ser utilizados pelos visitantes, cartazes do tipo lambe, pintura em acrílico e outros materiais), que dialogam com a exposição de longa duração do Museu da Maré e apresentam ao público olhares diversos e criativos sobre o nosso acervo, agregando novos significados aos Tempos da Maré.

Cláudia Rose  
Coordenadora Geral do Museu da Maré - Outubro, 2023

## ***PREAMAR: INTERVENÇÕES NO MUSEU DA MARÉ***

*PREAMAR: intervenções no Museu da Maré* é o título de uma exposição realizada por estudantes da UFRJ, que dialoga com o acervo, a história e a geografia do Museu da Maré. O projeto, coordenado pela Profa. Beatriz Pimenta – vinculado ao Grupo de Pesquisa *A arte, a história e o museu em processo* (CNPq/UFRJ) e ao Projeto de Extensão *Intervenções em museus do Estado do Rio de Janeiro* (EBA/UFRJ) –, tem como principal objetivo incentivar a pesquisa e a produção de arte contemporânea, propondo-se a realizar, anualmente, em diferentes museus, uma exposição de porte significativo. O projeto no Museu da Maré dá continuidade aos projetos já realizados em diferentes instituições: *Provocações* (Museu D. João VI, 2015), *Entre XIX e XXI* (Museu Nacional de Belas Artes, 2016), *Histórias Fora da Ordem* (Museu Histórico Nacional, 2017), *INGÁJÁ* (Museu do Ingá, 2019), *O que restou de ontem* (Museu da República, 2022). Esse projeto, como os anteriores, visa promover a troca de conhecimentos entre estudantes e professores da UFRJ, artistas locais, público, funcionários e colaboradores do museu em questão.

Intervenção além de ser uma ação desviante, às vezes interruptora de um projeto político, também pode ser o ato de emitir opiniões, de contribuir com ideias no sentido de otimizar projetos que já se encontram em andamento, como é o caso do Museu da Maré. Diferentemente dos museus anteriores, o Museu da Maré não apresenta histórias de batalhas, dominação cultural ou hegemonia econômica; prioritariamente, conta histórias de resistência, de gente invisibilizada, de arquiteturas e objetos construídos artesanalmente para driblar a falta de espaço, de infraestrutura etc., em lugares que foram ignorados pela nossa história oficial e que ainda são estereotipados quando divulgados pelos meios de comunicação de massa.

A contrapelo da nossa cronologia histórica, “o Museu da Maré foi concebido em 12 tempos: tempo da água, da casa, da migração, da resistência, do trabalho, da festa, da feira, da fé, do cotidiano, da criança, do medo e o tempo do futuro. Tempo que dialoga com as cheias e baixas da maré”. Essa divisão, que organiza a história da Maré, foi espontaneamente assimilada pelos artistas da exposição, que maioritariamente escolheram inserir suas obras junto ao acervo exposto, dialogando com um desses tempos, em poéticas que reafirmam a importância das pessoas e desse

lugar na história da cidade do Rio de Janeiro. Mais do que um museu, no sentido tradicional, o local é um Centro Cultural ativo, com uma exposição permanente, uma galeria, um auditório e um grande pátio aberto. Ali todo dia tem gente, ensaiando um espetáculo, tomando café, conversando – incluindo estudantes em visitas guiadas por jovens habitantes da comunidade. Cláudia Rose, diretora da instituição, e a equipe do museu recebem calorosamente todos os que têm interesse em realizar algum evento nos espaços do museu. Seja uma pesquisa em história oral, o desenvolvimento de propostas educativas, de exposições, seminários, oficinas, produção de material temático, entre outras atividades.

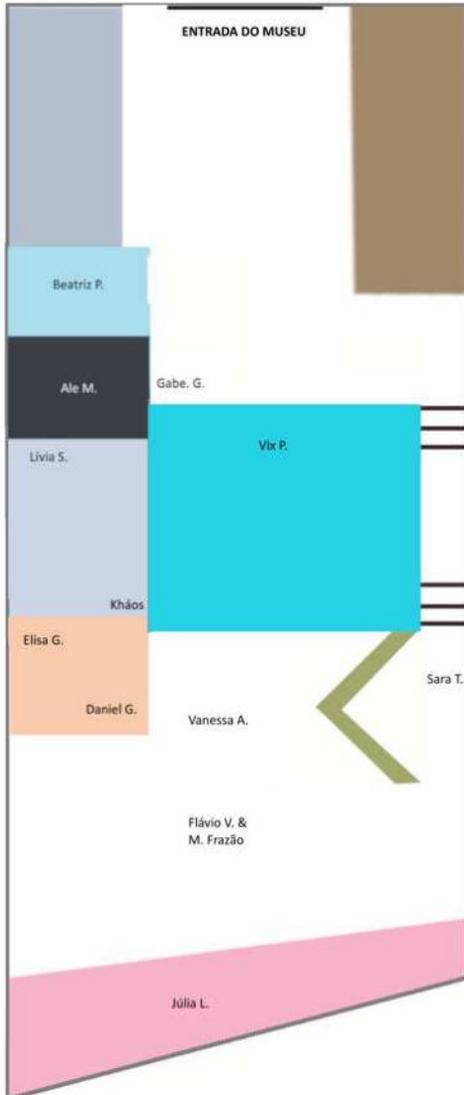
Este livro é um documento com imagens das intervenções, junto a textos críticos elaborados pelos curadores da exposição: Beatriz Pimenta, Dinah de Oliveira & Clarelis R. da Silva, Ivair Reinaldim. O conteúdo deste e-book está disponibilizado a todos através da Plataforma Pantheon, da UFRJ, esperamos que ele possa contribuir para a formação de um pensamento crítico, interdisciplinar, nos participantes do projeto, no Museu da Maré e no público em geral.

Beatriz Pimenta  
Coordenadora do Projeto - Outubro, 2023



Planta baixa e fachada atual do Museu da Maré

Debora P.



Localização das Intervenções no Museu da Maré

## FOTOS DE INTERVENÇÕES DOS ARTISTAS DO GRUPO 1

Curadoria de Beatriz Pimenta: Ale Moret, Flávio Vindaurre & Matheus Frazão, Gabe Gamaliel, Livia Di Santi



**Gabe Gamaliel**

*TUC III: Exu do Lodo, O CORPOMANGUE*

Arame, argila, cerâmica fria, terra, galhos, raízes, árvore de natal  
Intervenção no Tempo da água







O corpo fundido à paisagem busca revelar uma forte tensão na disputa pela terra: o pertencimento ao Complexo da Maré, o aterro colaborativo feito pelos próprios moradores é concomitante ao crescimento de uma cidade que invisibiliza os corpos periféricos, despejando-os de áreas coibidas para realocá-los, precariamente, no aterro do manguezal. A obra é atravessada pela tríade: corpo, instituições e meio ambiente. Com um apelo ao bizarro e ao grotesco, a série TUC, Teoria da Unificação das Corpos, são fabulações diatópicas observadas nos corpos dissidentes, que vê no horror um canal de subversão.

**Flávio Vidaurre & Matheus Frazão**

*O machado e a chave*

Lamina acrílica transparente e tinta vitral

220x80 cm

Instalação no Tempo da Fé







O *Machado e a Chave* é uma peça que traz à tona o debate do sincretismo religioso. Temos uma pintura sobre acrílico com Xangô, Orixá da Justiça, em diálogo com a imagem de São Pedro, peça original utilizada nas procissões marítimas que os pescadores da Maré realizavam antes dos grandes aterros da década de 1980. Nos tempos do Brasil escravagista, o povo preto prestava culto a seus orixás de forma velada, utilizando as imagens dos santos católicos como forma de resistência. Essa resistência gerou uma cultura única no mundo. A rica diversidade cultural brasileira se converte também em ferramenta de luta contra o racismo e a intolerância.

**Livia Di Santi**

*Morda a mão de quem te tiraniza*

vídeo de 1'42", TV de 20", latão de graxa da Petrobrás, fragmentos da TV destruída, barra de ferro

Intervenção no Tempo do Medo







A partir de questionamentos sobre o papel do Capitalismo – que prioriza o lucro acima da vida–, o gesto de destruir a TV marca uma interrupção na máquina desejanante, no consumo, na criação de estereótipos para tudo que escape ao padronizado, revelando a violência e o medo implícitos nos processos de expansão do neoliberalismo.

**Ale Moret**

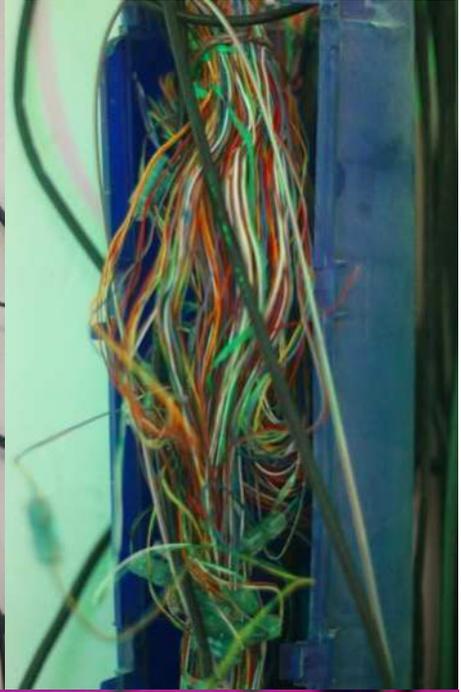
*Enredo*

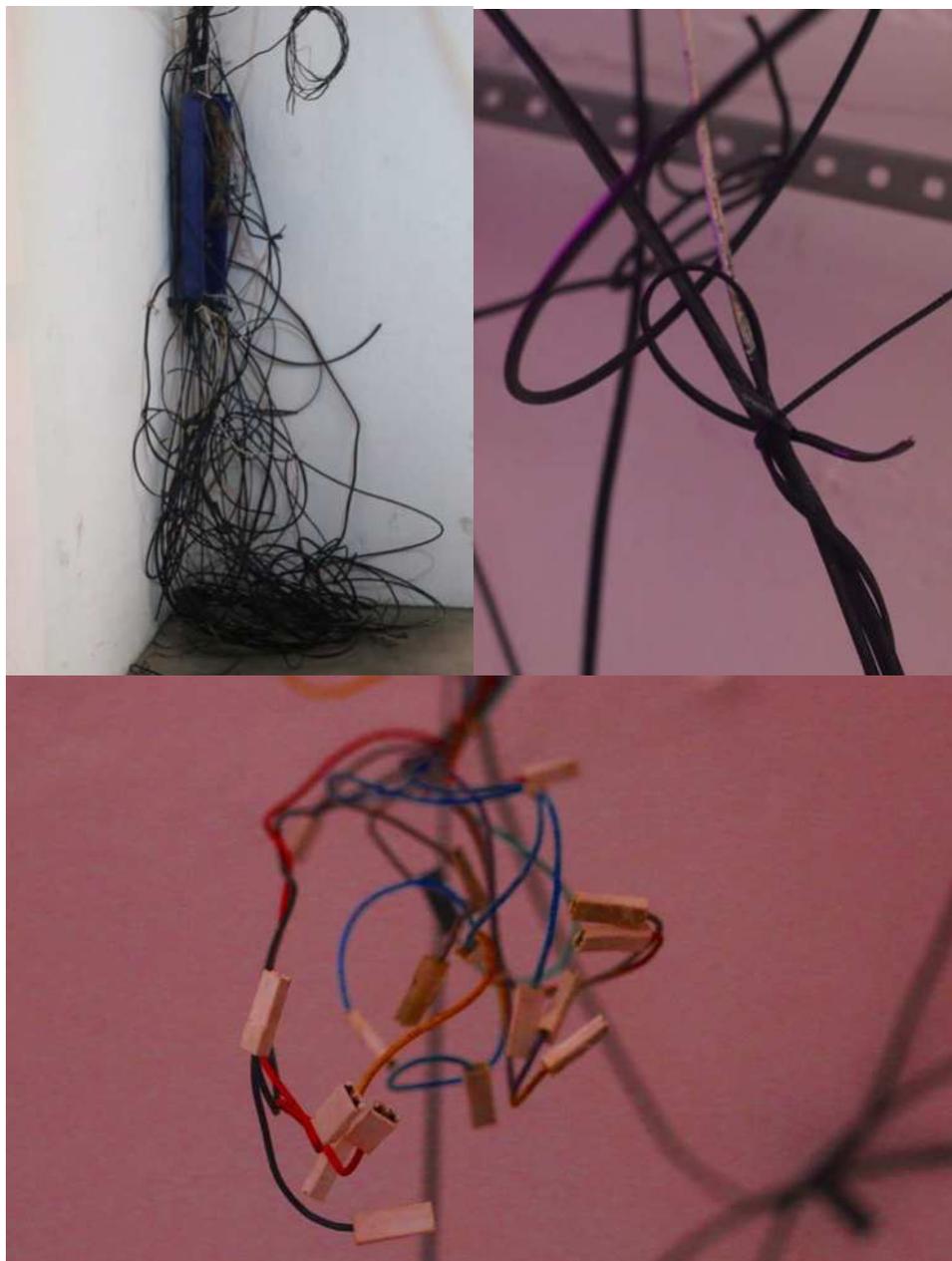
Fios diversos, lacres de plástico, ganchos de ferro

Dimensões variáveis

Intervenção no Tempo do Futuro







A fiação elétrica confusa vista nas periferias das grandes cidades é uma constante em todo o planeta. *Enredo* visa abordar, além das relações interpessoais que compõem a comunidade, os fios que interligam as pessoas remotamente através de redes diversas, uma trama de conexões variadas e constantes, que compõem enredos diferenciados das grandes vias de comunicação.

## **TÃO LONGE, TÃO PERTO: O CAMPUS DA UFRJ E O BAIRRO DA MARÉ**

Beatriz Pimenta Velloso

A proximidade física entre o Campus do Fundão e o Bairro da Maré, visivelmente, é desproporcional às paisagens que encontramos nesses dois lugares. O Campus do Fundão, com avenidas largas, prédios distanciados, amplas áreas gramadas, praias mansas, manguezais e pouca gente; contrasta com a Maré, em sua infinidade de ruas estreitas, vielas, casas, comércio, motos, carros e muita gente caminhando por todos os lados. A área total da Cidade Universitária corresponde a 5.238.337 metros quadrados, tendo, 1.556 moradores (em 2010)<sup>1</sup>. O Bairro da Maré possui 427.000 metros quadrados, próximos à Avenida Brasil e à margem da baía, contando com cerca de 130.000 moradores (em 2010)<sup>2</sup>.

Entre 1949 e 1952, a mando do governo de Getúlio Vargas, se deu o aterro do arquipélago de oito ilhas<sup>3</sup>, situado ao fundo da baía de Guanabara, para a construção do Campus do Fundão, um território idealizado para a instalação de escolas da antiga Universidade do Brasil. Posteriormente, sobre esse aterro foi construído um conjunto de blocos retangulares semelhantes aos de Brasília, margeados por amplos espaços gramados. Brasília, apesar de ter sido construída em um local isolado, no meio do nada, prosperou como capital federal dentro do seu plano piloto, se espalhando desordenadamente no seu entorno por gigantescas cidades satélites; o Campus do Fundão, apesar das pontes, continua ilhado, distante da vida social e cultural da cidade do Rio de Janeiro. O que vemos da Linha Vermelha, no percurso do centro ou da zona sul ao Campus, são muros que escondem o abismo que separa o Campus da UFRJ do Bairro da Maré.

A formação do Complexo da Maré deu-se de forma bastante irregular. Sem planejamento prévio, nos anos de 1940 surgiram as primeiras habitações no Morro do Timbau, seguidas pela Baixa do Sapateiro, com palafitas fincadas no mangue, aterros voluntários e programas habitacionais

---

<sup>1</sup> <https://monografias.poli.ufrj.br/monografias/monopoli10011974.pdf>

<sup>2</sup> <https://rioonwatch.org.br/?p=23997>

<sup>3</sup> *Ibidem*

promovidos pelo poder público. Atualmente, “o bairro da Maré engloba 16 favelas, que guardam diferenças entre si, devido ao que se sucedeu ao longo dos anos, tanto pela migração nordestina quanto pelas tentativas de eliminação e remoções de favelas”, estabelecidas em áreas cobertas da zona sul do Rio de Janeiro, junto a outras remoções por motivo de insegurança dos terrenos. Inaugurado em 2006, próximo ao Morro do Timbau, “o Museu da Maré foi criado por um grupo de jovens moradores integrantes do CEASM (Centro de Ações Solidárias da Maré), com o objetivo de criar uma autorrepresentação da Maré, que foge aos estigmas” de violência amplamente difundidos pelas grandes mídias<sup>4</sup>.

Contudo, o abismo existente entre a EBA/UFRJ – espalhada, vazia, mal conservada, em processo de afundamento devido ao seu peso excessivo sobre o aterro –; e o Bairro da Maré – cada vez mais cheio de casas e gente, sempre crescendo –, pode diminuir. Por poucas iniciativas institucionalizadas, como a implantação do sistema de cotas<sup>5</sup>, os projetos de extensão universitária, que estimulam os estudantes a prestarem algum tipo de serviço para a sociedade antes de se graduarem, e, pelo trabalho voluntário de algumas ONGs (Organizações Não Governamentais), que promovem no bairro cursos de formação e atividades culturais, aglutinando pessoas do local com pessoas de fora. E foi assim, em meio a esse abismo, que chegamos da EBA/UFRJ ao Museu da Maré, entre março e dezembro de 2023, para realizar intervenções no acervo exposto, constituído através de doações dos próprios moradores, sendo o projeto deste acervo em exposição “concebido como em permanente transformação como a própria arquitetura da favela, conhecida pelos urbanistas como lugar dinâmico de alterações e mudanças, no sentido de incluir cada vez mais moradores no seu interior”<sup>6</sup>.

Na exposição de intervenções tivemos apenas 3 artistas mareenses, quando oferecemos 5 vagas para artistas locais na exposição, com o

---

<sup>4</sup> [https://www.museusdoriorio.com.br/site/media/attachments/2021/04/10/museu\\_favela\\_da\\_mare\\_musas.pdf](https://www.museusdoriorio.com.br/site/media/attachments/2021/04/10/museu_favela_da_mare_musas.pdf)

<sup>5</sup> 50% de vagas nas universidades públicas são direcionadas somente para estudantes que cursaram o ensino médio em escolas públicas, sendo 25% destinadas a candidatos com renda familiar bruta igual ou inferior a um salário mínimo, e os outros 25% para estudantes com renda familiar superior a um salário mínimo e meio. Além de candidatos autodeclarados pretos, pardos ou indígenas; e pessoas portadoras de deficiência. <http://portal.mec.gov.br/cotas/perguntas-frequentes.html>

<sup>6</sup> <https://www.museusdoriorio.com.br/site/index.php/museus-cidade-do-rio/area-de-planejamento-3/item/88-museu-da-mare>

objetivo de compartilhar suas experiências junto aos artistas e professores da EBA/UFRJ. Será que essa contrapartida oferecida pelo Projeto não foi suficiente? Na verdade os Projetos de Extensão Universitária, em sua grande maioria, conseguem verbas apenas para bolsas de iniciação científica, destinadas àqueles que possuem matrícula ativa na UFRJ, quando em qualquer projeto sempre dependemos da boa vontade de algumas pessoas que sejam integrantes da instituição parceira. Não deveria a Extensão Universitária prover bolsas para participantes externos ou verbas destinadas aos projetos desenvolvidos nas instituições parceiras? Fica a pergunta a ecoar no abismo.

A primeira intervenção que vemos ao entrar no Museu da Maré é de **Gabe Gamaliel**, estudante do Curso de História da Arte da UFRJ, extensionista do Projeto e bolsista PIBIC da Profa. Dinah. *TUC III: Exu do Lodo* é o terceiro trabalho da série TUC (Teoria da Unificação das Corpas), a qual, segundo o artista, apresenta “fabulações sobre corpos dissidentes”, que fazem do horror um “canal de subversão” aos estereótipos. A aparição de Exu do Lodo no Tempo da Água, entre fotos de antes e depois dos aterros da Maré, pretende religar uma cidade partida que insiste em “invisibilizar seus corpos periféricos”, em aterros que foram também uma forma “de soterrar dores e memórias”. TUC III é a primeira escultura em uma série de desenhos do artista, sendo um busto modelado por barro, incluindo galhos e raízes, sustentado por uma árvore de natal e tijolos de adobe (pertencentes ao acervo do Museu).

Na cosmogonia lorubá, Exu foi a primeira divindade a ser criada pela poderosa matéria de Olodumaré. Surgindo de um solo avermelhado e lamacento, Exu atua como mensageiro entre os seres humanos e a deidade suprema das religiões lorubá, sendo um orixá dinâmico, que leva à mobilização, transformação e ao crescimento. Na história da Maré, *Exu do Lodo* revela a resistência dos que foram despejados de áreas cobiçadas da cidade, para serem realocados, precariamente, no aterro do manguezal. A escultura no museu, como aparição monstruosa, estabelece uma relação entre o passado exploratório e o presente violento, o orgânico e o inorgânico, a natureza e a cultura, constituindo uma interseção entre esses dois tempos, essas duas formas de existência<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> <https://doity.com.br/media/doity/submissoes/artigo-8124729725e427b32c3f1bfb3ddf88ed775a8f12-arquivo.pdf>

Seguindo o percurso dos 12 Tempos do Museu, chegamos ao Tempo da Fé, sempre muito diverso em seu sincretismo religioso, e a intervenção *O Machado e a Chave*, de **Flávio Vidaurre** e **Matheus Frazão**, arte-educadores do Museu da Maré. Em frente à escultura de São Pedro com sua chave, na proa de um barco votivo, foi instalada uma pintura, realizada sobre uma placa de acrílico transparente, representando Xangô surgindo do fogo com seu machado rodeado de búzios.

São Pedro como padroeiro dos pescadores, na proa de um barco votivo pertencente ao acervo do Museu exposto, representa as procissões marítimas do dia 29 de junho, resgatando a fé cristã e o passado da Maré antes dos grandes aterros da década de 1980, quando ainda havia na região o mangue e uma colônia de pescadores. As correspondências entre São Pedro e Xangô se encontram entre o céu e a terra, no fogo, nos raios e trovões. Jesus Cristo deu a São Pedro o poder de ligar, ou desligar, o acesso da Terra aos Céus; em Xangô, o machado de duas lamina simboliza o poder da justiça, o equilíbrio entre a dualidade dos fatos<sup>8</sup>. “Nos tempos do Brasil escravagista, o povo preto prestava culto a seus orixás de forma velada, utilizando as imagens dos santos católicos como forma de resistência. Essa resistência gerou uma cultura única no mundo”<sup>9</sup>. A rica diversidade cultural brasileira aqui é vista sob o aspecto da justiça para o pagamento de uma dívida social histórica, como ferramenta de luta contra a desigualdade social, o racismo, a xenofobia, o machismo, a homofobia, a misoginia, entre outros preconceitos.

**Lívia Di Santi**, estudante do Curso de Artes Visuais-Escultura, bolsista PIBIC da Profa. Beatriz, a partir de questionamentos sobre o papel do Capitalismo, que prioriza o lucro acima da vida, no Tempo do Medo, com uma barra de ferro destrói uma TV de LED, de 32”, instalada sobre um barril de graxa da Petrobrás (pertencente ao Museu). O gesto de destruir a TV e espalhar seus pedaços – pela sala de paredes pretas, com um cubo transparente contendo balas de fuzil, e moldes de gesso de paredes da Maré que foram atingidas por projéteis de fuzil –, marca uma interrupção no consumo, na máquina desejante que nos impulsiona a estar sempre comprando e se endividando, a espelhar vidas estereotipadas por personas midiáticas, a praticar atos ilícitos, a sermos vítimas ou algozes

---

<sup>8</sup> <https://bahia.ba/bahia/guardiao-dos-ceus-e-principe-dos-apostolos-29-de-junho-e-dia-de-sao-pedro/>

<sup>9</sup> [https://jornalocidadao.net/museu-da-mare-recebe-obras-da-escola-de-belas-artes-da-ufrrj/?fbclid=IwAR1PflLeDI\\_OFQR\\_2u\\_hwotxmcD42Z5Q-Zb9eaddQg3BlilT90J2PB286j4](https://jornalocidadao.net/museu-da-mare-recebe-obras-da-escola-de-belas-artes-da-ufrrj/?fbclid=IwAR1PflLeDI_OFQR_2u_hwotxmcD42Z5Q-Zb9eaddQg3BlilT90J2PB286j4)

da violência e do medo implícitos nos processos de expansão do neoliberalismo.

O trabalho despertou dúvidas por parte da curadoria, porque a TV para além da publicidade paga – do *merchandising* de produtos ou de ideologias políticas, implícito em seus programas de maior audiência –, continua a nos informar sobre os fatos, procurando nos fornecer um panorama mais amplo entre visões econômicas, políticas, científicas, culturais e humanitárias frente às guerras e suas milhares de vítimas inocentes. As emissoras de TV, ao divulgarem os fatos, podem até emitir opiniões simplistas e duvidosas, mas não podem criar descaradamente *fake news*, como acontece frequentemente nas redes sociais. As emissoras educativas, especialmente diminutas, são grandes fontes de informação para quem deseja realmente se manter informado, pois não é fácil entender o que está por trás das polêmicas políticas e religiosas, das ofensivas armamentistas e do nosso modo-de-produção, quase sempre invasivo ao meio ambiente. Portanto, nesse mundo sob o qual temos cada vez menos controle sobre os fatos, existe um desejo explícito de fuga para outras realidades, quase sempre virtuais, seja através de plataformas pagas – sem a interrupção dos anúncios; ou de redes sociais, sites ou *streamings* gratuitos – sempre interrompidos por anúncios destinados, especialmente, ao usuário-consumidor. O excesso de informações, a imersão em controvérsias políticas, fofocas e anúncios, pode se tornar irritante, revoltante, e até paralisante. Nesse sentido, quebrar uma TV pode funcionar como um descarrego – da violência, impotência e solidão – do que sofremos nas grandes cidades e lares do planeta.

No Museu, próximo ao Tempo do Medo, está o Tempo do Futuro, onde está a instalação *Enredo*, de **Ale Moret** – estudante do Curso de Artes Visuais-Escultura, bolsista PIBIAC da Profa. Beatriz –, composta por fios de alta tensão, telefone, Internet, gambiarras, etc.. Segundo a artista, a obra é, ao mesmo tempo, “uma crítica à poluição visual dos fios”, onipresente em áreas periféricas da cidade, “e uma referência à vida cotidiana nas comunidades”, locais onde as pessoas se conhecem nas ruas e vielas, estabelecendo laços de um modo diferente dos bairros privilegiados, onde predominam prédios em condomínios fechados à entrada de estranhos. Além das relações interpessoais que compõem a comunidade, os links que conectam as pessoas remotamente, por meio de uma trama de

conexões variadas e constantes, compõem enredos diferenciados daqueles fornecidos pelas grandes vias de comunicação.

Na sequência de Tempos do Museu, o Tempo do Futuro vem logo depois do Tempo do Medo. Quando visitamos o museu, a porta do gabinete da vereadora Marielle Franco, nascida no bairro, era seu único objeto em exposição, funcionava como um lamento, um grito de dor, e também um incentivo para continuar a luta de resistência às adversidades da Maré. Quando chegamos para montar a exposição, a sala do Tempo do Futuro estava vazia, apenas uma lâmpada de matizes cambiantes coloria as suas paredes, pois seu único objeto em exposição, a porta do Gabinete, estava cedida ao Museu da República, incorporada à exposição temporária *Marielle Marés*, dedicada à sua memória. Dentro desse vazio, a ideia de *Enredo* foi imediatamente aceita pelo público do Museu, já familiarizado com a fiação elétrica confusa vista nas periferias das grandes cidades, onde os desvios de energia revelam a constante necessidade de abastecer as novas moradias que vão surgindo do seu interior. Onde a energia elétrica e a fiação das redes de Internet são fundamentais para a construção de conhecimento, as trocas culturais, a formação de redes de informação, as novas relações e a resistência ao descaso das políticas públicas, entre tantas outras necessidades que permeiam a vida dos habitantes do bairro da Maré.

## FOTOS DAS INTERVENÇÕES DO GRUPO 2

Curadoria de Dinah de Oliveira e Clarelis R. da Silva:  
Beatriz Pimenta, Daniel Gore, Elisa Glener, Vix Palhan



## Vix Palhano

*E quantas vezes você viu fundações se concretizando em espaços inversos?*

Vídeo de 30", TV de 20"

Intervenção no ambiente da palafita



**e quantas vezes você viu fundações  
se concretizando em espaços inversos ?**





O vídeo feito em *stop motion*, inspirado em fotos expostas do Museu, fabula sobre o surgimento e a construção do Complexo da Maré com um brinquedo de madeira popular antigo, ainda hoje comercializado. *E quantas vezes você viu fundações se concretizando em espaços inversos?* aponta para uma banalização da dificuldade, porque constantemente temos que lidar com espaços adversos para criar nossas fundações.

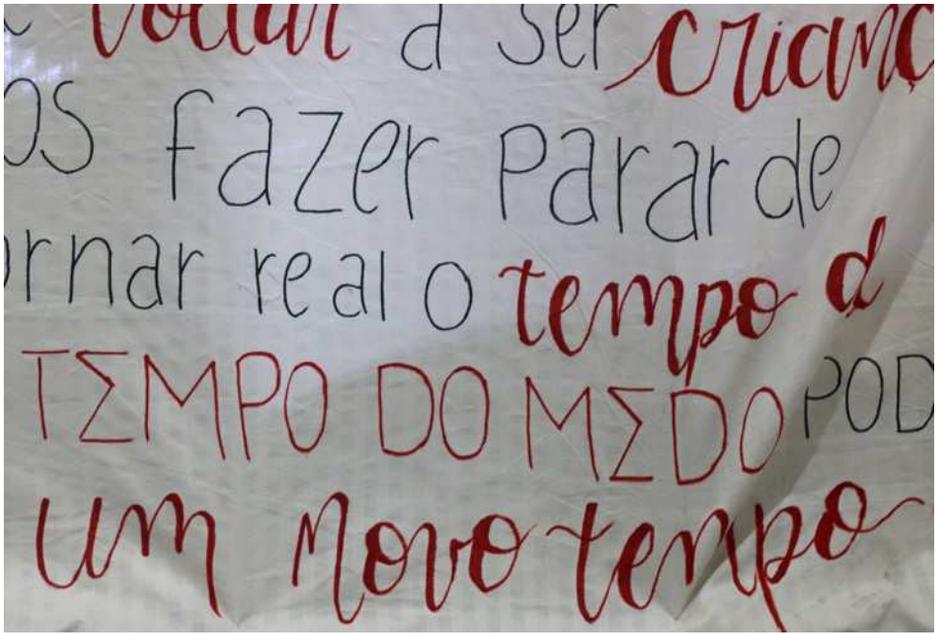
**Elisa Glener**

*Entre tempos*

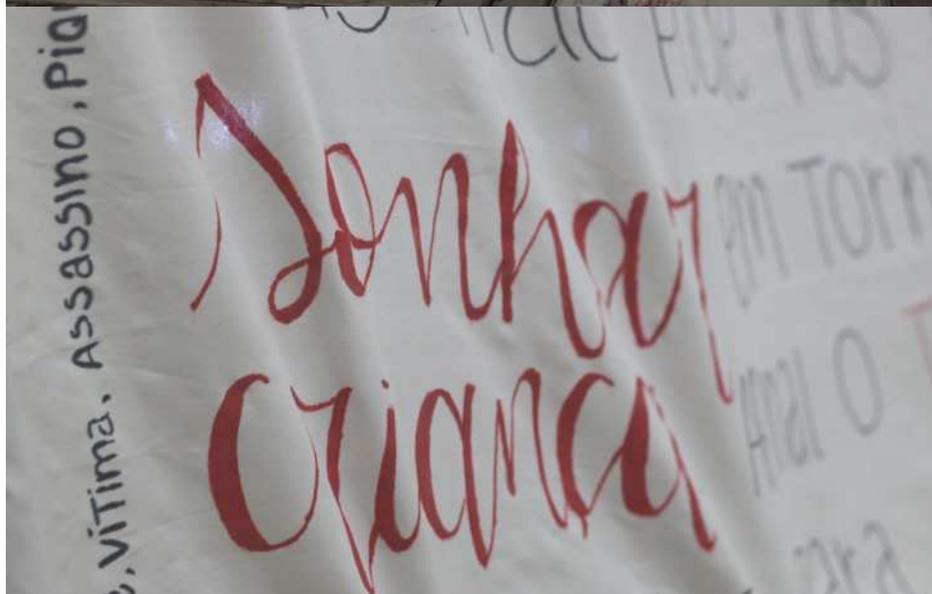
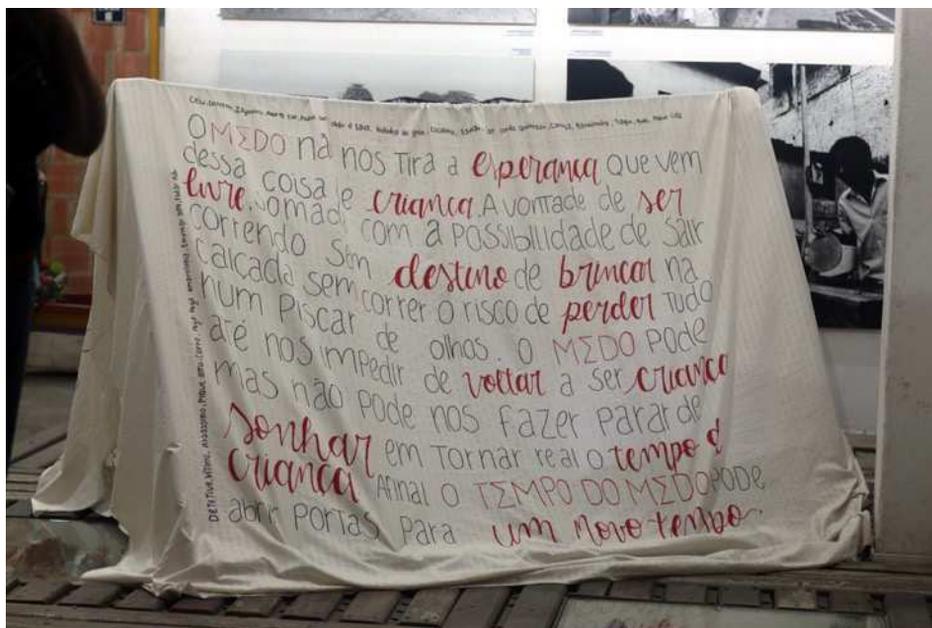
Cano de PVC, tecido e caneta esferográfica

120x120x170 cm

Intervenção entre o Tempo da Criança e o Tempo do Medo







O ninho como cabana, lugar de esconderijo, abrigo não resolutivo, porém reflexivo para os dias de hoje. *O medo não nos tira a esperança que vem dessa coisa de criança.*

*A vontade de ser livre, somada com a possibilidade de sair correndo sem destino, de brincar na calçada sem correr o risco de perder tudo num piscar de olhos. O medo pode até nos impedir de voltar a ser criança, mas não pode nos fazer parar de sonhar em tornar real o Tempo de criança. Afinal, o Tempo do Medo pode abrir portas para Um Novo Tempo.*

**Daniel Gore**

*Sem título*

Espuma sintética, tinta spray, acrílico, retratos de crianças da Maré em desenho digital impresso sobre papel A1/A2.

Intervenção no Tempo da criança





Bola de gude, bate-cog, bambolê, pião  
Amarelinha, caracôl, garrafinha  
Pipa, roda, cordão, bola  
Cabra-cega, esconde-esconde, passa-avô  
Também passa o tempo  
Mesmo contra a nossa vontade  
Agora, criança na rua E quem  
é a brincadeira onde fica?...

Coloque o  
capacete e faça  
parte dessa  
experiência!



A intervenção busca representar crianças moradoras do Complexo da Maré de forma divertida e interativa, em um modelo futurístico. As crianças foram convidadas a serem fotografadas, para posteriormente serem representadas por desenhos digitais feitos pelo artista. Capacetes e *headpieces* estão dispostos para serem utilizados e fotografados por visitantes do museu em um cenário imersivo.

## Beatriz Pimenta

### *Notas Comemorativas*

Acrílico sobre tela, impressão a laser, madeira e vidro

2 telas de 41x93,5cm; 2 molduras de 15,7x6,7cm

Intervenção no Tempo do Futuro







Duas telas de pintura, uma cédula de 5000 cruzeiros (período de produção 1942-1967) e outra de 50 cruzeiros (período de produção 1963-1967), com efígies de Tiradentes e da Princesa Isabel, substituídas pela pintura de Lula e Marielle Franco.

## **FREQUÊNCIAS DE MARÉ ALTA**

Clarelis R. da Silva e Dinah de Oliveira

preamar  
nível máximo de maré  
marismar da maré cheia  
planos plenus de maré alta  
preamar = esto = calor intenso  
fervor  
água-viva

Uma exposição não é uma coexistência imperturbável entre obras. A ideia de que as obras estão lá em algum lugar e que elas possam interagir tranquilamente, não nos parece convincente. Uma exposição é sempre uma superfície de enfrentamentos de princípios estéticos, de modos de concepção e vivência daquilo que está em fricção com a beleza e com a alegria que experimentamos ao movimentar nossos corpos.

A exposição é como um campo, uma extensão de terreno acidentado. Sua composição necessita uma operação que busca o âmbito próprio da experiência de seu contexto como processo. Assim, nos perguntamos o que acontece quando nos colocamos a nós mesmas como curadoras, juntamente com a criação de *Preamar*, neste encontro de artistas da Escola de Belas Artes da UFRJ e o Museu da Maré. Para nós, a curadoria é sempre uma maneira de produzir encontros de pessoas, encontros de trabalhos, encontros de esquinas com seus cruzamentos de diferenças e aproximações. Procuramos com atenção curiosa pelas perguntas que parecem emergir. Uma destas perguntas em *Preamar* nos parece ser a respeito de como a cidade pode ser a substância da criação e, ao mesmo tempo, se dar como efeito de alguma coisa que é inaugurada. Como um afeto (amar) que se torna mola propulsora (pré), um fornecimento, como aquilo que faz a liga numa massa de bolo.

Assim, nos parece que a cidade que emerge dessa *Preamar* é sussurrada pelo marulhar da maré que se expande generosamente. Ouvimos alguns indícios sonoros da expansão de uma imagem da cidade que se

mantém para além de seus limites de núcleo original, de organização geográfica e administrativa que circunscreve um território urbano. Nossa sensação de cidade aqui é adensada pelo contato com as práticas artísticas e suas diversidades, seus modos de implicar a sociedade, a história, a cultura, e mais ainda, as questões que advêm com o evento da racialidade, das políticas de gênero, de tal maneira que podemos fazer o exercício de deslocamento do legado arbitrário da colonialidade. Experimentamos uma zona de contato que nos lança a distâncias que, mesmo por vezes geograficamente situadas, podem ainda assim provocar deslocamentos cruciais, justamente porque numa relação com as aparências, pessoas, corpos e estruturas alternas, somos chamadas a também nos (des)reterritorializar.

### ***Preamar, amar-com, devir-já***

Nossas perguntas com o campo sensível que se abre em *Preamar* nos faz entrar em uma utopia do agora, assumindo ainda que os cruzamentos alternos resultam em um tempo espiralar, como nos ensina Dona Leda Maria Martins. Tempo de adensamento de outros tempos que necessitam histórias de recomposição de mundos. O trabalho de **Vix Palhano**, estudante do Curso de Artes Visuais-Escultura, bolsista PROFAEX da Professora Beatriz Pimenta, é um vídeo intitulado, *E quantas vezes você viu fundações que se concretizam em espaços inversos?* que explora um modo de contar a história da construção do Complexo da Maré. Vix parte de um bloco de madeira que figura uma casinha toda de tijolinhos – daqueles brinquedos de montar que conhecemos na infância. O vídeo em *stop motion* dialoga com as fotos expostas no Tempo da Água quando mostram os processos de aterramento que originam o território. A recepção é convocada a experimentar um campo sensível formado pelo coletivo de corpos e memórias, ao mesmo tempo em que nos convida a perceber a cidade como uma malha emaranhada, um complexo de relações, um campo de saberes conectados. Ora, a Maré quadro a quadro se lança e nos lança a todo um contexto simbólico que inverte lugares de saberes outros que as áreas aterradas da cidade ostentam.

A peça de brinquedo infantil não significa que exista nitidez entre o sujeito e a obra, mas imprime um caráter de duplo. A simplicidade da aparência artesanal não pode ser confundida com um modo de significação sequencial, que nos leva necessariamente a uma naturalização dos nexos

entre coisas e subjetividade. Nos jogos e brincadeiras da criança, não estamos numa região em que aquilo que percebemos pelo olhar é legível pela relação direta entre o olho e a coisa: “Mal entra na vida [...] ela [a criança] caça os espíritos cujo rastro fareja na coisas; entre espíritos e coisas ela gasta anos, nos quais seu campo de visão permanece de seres humanos”.<sup>10</sup>

O trabalho de Vix é posicionado dentro do ambiente da palafita, recriação em tamanho real de um dos tipos de moradias erguidas pelos moradores da Maré durante seu processo de criação. A elaboração sobre um processo de construção, posta em uma recriação de memória deste processo, — com objetos como mesa, cama, armário e outros diversos utensílios domésticos doados pela comunidade local — nos revela o quão simbólico e poético foi e é a concretização dessa fundação. Simultaneamente, a interrogação ao final do título entrega para nós, espectadores, um convite para a reflexão. Vix escolhe apresentar uma Maré não unicamente a partir da denúncia ou da idealização, mas uma Maré alevantada e assentada, que continua preenchendo todos os canteiros deste Rio de Janeiro.

**Elisa Glener**, estudante do curso de Artes Visuais-Escultura, estagiária da Galeria Mezanino e extensionista do projeto, também aborda as temáticas de construção e moradia em sua instalação intitulada *Entre tempos*. No entanto, em um posicionamento que dialoga com o Tempo da Criança e o Tempo do Medo, o trabalho de Elisa nos leva de volta à infância ao propor uma cabana, daquelas que fazíamos com travesseiros e lençóis antigos. Quando se é criança, a invenção desses pequenos casulos de tecidos são impulsionados pela vontade de brincar por horas, mas também despertam um sentido de proteção que mantemos conosco até a fase adulta. “O medo pode até nos impedir de voltar a ser criança, mas não pode nos fazer parar de sonhar em tornar real o Tempo de criança.”, descreve um pequeno trecho do texto impresso no tecido que forma a cabana, apontando para os medos despertados pelas violências que nos rodeiam e, sobretudo, atingem principalmente os mais vulneráveis, como as crianças. De forma imaginativa, a artista propõe uma instalação interativa que se ativa como um lugar de refúgio, assim como o

---

<sup>10</sup> Benjamin, Walter. Rua de mão única. In Obras escolhidas II. São Paulo: Brasiliense, 2000, p. 39.

Museu da Maré, que acolhe as crianças e jovens da comunidade, propondo integrações com a história, a cultura e as artes.

Paralelamente, **Daniel Gore**, estudante do Curso de Artes Visuais-Escultura e extensionista do projeto, opera entre as esferas do imaginativo e do lúdico em sua intervenção localizada no Tempo da Criança, ao criar um ambiente imersivo com capacetes e *headpieces* espaciais e uma ilustração com personagens baseados em Ana Júlia, Mariana, Pedro e Theo, crianças moradoras da Maré. A universidade e a Favela, tão próximas, mas constantemente tão dissociadas, possuem uma conexão cheia de possibilidades, algo que a parceria entre Escola de Belas Artes da UFRJ e o Museu da Maré pretendia e evidenciou com o projeto de exposição. Para além de um desenho fabulado, o trabalho realizado por Gore em conjunto com as crianças configura-se como uma potente demonstração desse vínculo e no momento em que é exposto, por ser um trabalho que necessita de interação com os visitantes, este vínculo é ampliado. A imaginação, muito presente enquanto somos pequenos, perde espaço em nossas mentes na fase adulta, mas o cenário futurístico produzido pelo artista possui um efeito cativante, criando uma espécie de dispositivo capaz de nos transportar para onde nossa imaginação quiser nos levar, não importando quantos anos tenhamos.

Nos voltamos mais uma vez para a imagem de cidade que emerge com os trabalhos. Entendemos que o Museu da Maré, por meio de sua composição expográfica, seus objetos, suas seções e temporalidades, atualiza uma experiência coletiva como estratégia para formação de um campo de diálogo. Lembramos do escritor, poeta e romancista nascido na Martinica, Édouard Glissant, pois ele nos conta que: “De qualquer forma, acredito que a arquitetura e a língua serão as duas formas de resistência do futuro, da absoluta e inabalável resistência”.<sup>11</sup> Para além de um sentimento de pureza nostálgica, nos parece que as zonas de contato entre os trabalhos das pessoas artistas da Escola de Belas Artes e o campo simbólico elaborado pelo Museu da Maré, nos evoca uma percepção que desfaz qualquer ilusão de habitar territórios autônomos, autossuficientes. A implicação entre a fabulação e o refúgio presentes nas propostas de Elisa Glener e Daniel Gore são ações de reconfiguração de mundos no enfrentamento de nossos tempos turbulentos. Nos parece

---

<sup>11</sup> Glissant, Édouard. In *Conversas do arquipélago*. Hans Ulrich Obrist, Édouard Glissant. Rio de Janeiro: Cobogó, 2023, p. 39.

que as propostas falam de colaborações e parcerias. Não estaria também o trabalho de Vix Palhano nos alertando para o cuidado e atenção com a recriação de lugares para as próximas gerações? Não estaríamos assim, formulando imaginações e lugares de estar em segurança para a continuação da vida, numa implicação entre pessoas humanas e outros seres além de humanos? Ora, o brincar infantil tem a capacidade de nos mostrar a vida latente de todas as coisas, metamorfoseia nossos parâmetros entre as coisas vivas e aquelas que chamamos de inanimadas.

Trazendo em conta que a arte não promove um modo de resolução ou uma decifração do mundo e de seus valores, e sim, constrói modos que dão a ver as contradições, podemos falar quase que incondicionalmente de uma experiência social e política. Um campo de lutas, de reflexão. É por meio desse marulhar que nos aproximamos de *Notas comemorativas*, de **Beatriz Pimenta**, artista, professora idealizadora e coordenadora do projeto de extensão *Preamar: intervenções no Museu da Maré*. Mais uma vez a cena artística nos orienta para questões sobre sua integração com parcerias e colaborações, talvez ainda possamos falar de trânsitos sociais-políticos-culturais. A artista apresenta duas pinturas em acrílico que ressignificam a constituição imagética de duas cédulas do Tesouro Nacional: “uma cédula de 5000 cruzeiros (período de produção 1942-1967) e outra de 50 cruzeiros (período de produção 1963-1967), com efígies de Tiradentes e da Princesa Isabel”, segundo texto fornecido por Beatriz. As imagens icônicas das cédulas são substituídas pela imagem do atual presidente do Brasil, Lula e da vereadora Marielle Franco. Lembremos que o dinheiro entrou em circulação no país como um dos efeitos da intrusão portuguesa nas terras dos povos originários. Não por acaso, foi uma ação do período colonial que visava regular o mercado de trocas já existente, por meios que pudessem ser homogeneizados e controlados pela Coroa.

O deslocamento das imagens das células, também não por acaso, vai implicar no fato de que o capital, no mundo que conhecemos pós-intrusão, não tem sua base na singularidade. O que por um lado nos coloca em uma posição conflitante com o sistema, mas por outro lado (lembremos que a moeda sempre tem dois lados), nos força a reflexão sobre as potências do pensamento e da ação em rede, ou seja, aquilo que podemos quando nos juntamos. Justamente porque a autoria do trabalho da artista está, de certo modo, problematizada, na medida em que usa como

referente um objeto do comum, mesmo que agora seja inatural, como as cédulas dos anos de 1940 e 1960. E neste jogo de aparências entre arte e produto do capital o que se revela são figuras que emergem singularmente do social, pessoas que também agiram em deslocamento transformando a cartografia de suas vidas no território brasileiro e expandindo seus cenários biográficos para o campo de enfrentamento dos meios de apropriação coercitiva da colonialidade política. As imagens assim resignificadas possibilitam a abertura de perguntas sobre coisas que nos afetam, que nos tocam. Talvez, um dos possíveis sentidos destas imagens seja o de uma aposta naquilo que é contingente, nas alianças firmadas por corpos coletivos, amorosos e em luta.

Embora seja um fato, tendo em vista as elaborações entre o Complexo da Maré e a Escola de Belas Artes da UFRJ, faz-se necessário lembrar que a Universidade, desde seus primórdios como instituição, tem selecionado saberes, produzindo uma série de táticas sistemáticas que valorizam conhecimentos provenientes de corpos brancos e elitizados por cima de corpos, sobretudo, pretos e favelados. “[...] a universidade se revela, mais bem, um espaço de violência e de geração de conteúdos dominantes, que não cessa de produzir como ausentes certas vozes para que ecoem outras[...]”<sup>12</sup>, anuncia Jota Mombaça, em diálogo com Grada Kilomba. Não obstante, mesmo que estimulados por uma vontade pedagógica de articulação pautada na produção artística e cultural colaborativa entre os dois espaços, tais marcas de um sistema colonial e racista não se dissolvem facilmente. Contudo, não significa que a solução está em negar proposições ou engavetar projetos que almejam importantes meios de coparticipação, visto que a arte, como já dito anteriormente, não projeta resoluções, senão reflexões e possíveis reiteraões. O que nos parece pertinente são as realizações e criações, uma vez que reconhecemos a existência das vias tensionais.

Por fim, mas somente limitado ao número de letras presentes neste texto, também de autoria coletiva, lembramos que em meio a um emaranhado de possibilidades, diante de uma maré tão presente como o Museu da Maré, os artistas participantes desta edição do projeto de extensão *Intervenções: arte contemporânea nos museus do Estado do Rio de Janeiro*, vindo de diferentes partes de dentro e fora da cidade, produziram

---

<sup>12</sup> Mombaça, Jota. Pode um cu mestiço falar?. Jan 6, 2015. Disponível em: <https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee>

trabalhos que dialogam com seu acervo, mas também ecoam aquele espaço. Muitos “pareciam que sempre estiveram ali”, como foi dito por Cláudia Rose, coordenadora do museu, na abertura da exposição. Esta ação sintetizada em uma palavra: relação. Vínculo nem sempre concordante em todos os seus instantes, mas acima de tudo existente, provocador e persistente. Maré e Escola de Belas Artes, cruzando-se em múltiplos encontros. Desde seus pedaços de terras que se encontram; seu envolto, banhado pela mesma água; dos moradores que estudam no campus do Fundão; de projetos que se baseiam na conjuntura dos espaços, assim como esse; das travessias de estudantes através da Avenida Brasil, Linha Amarela e Linha Vermelha e, dentre os inúmeros exemplos, com as proposições artísticas frutos desta exposição.

## **FOTOS DAS INTERVENÇÕES DO GRUPO 3**

**Curadoria de Ivair Reinaldim:**

Débora Pitasse, Júlia Lopes, Kháos, Sara Tostes, Vanessa Américo



**Vanessa Américo**

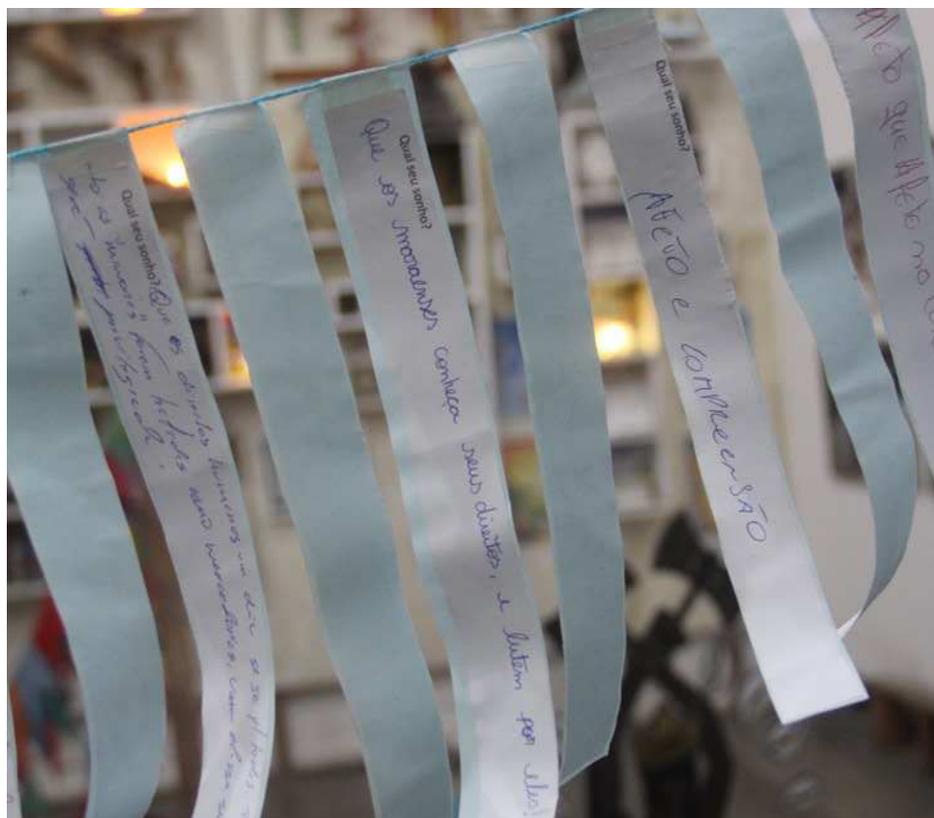
*Maré de Sonhos*

Bambu, algodão cru, linha, papéis escritos

250x250cm

Intervenção acima dos Tempos do Trabalho, Festa, Fé e Cotidiano







Uma pipa feita de tecido de algodão cru com a palavra “sonho” bordada em azul. Na rabiola, pequenos papéis brancos, em formato de tiras com a pergunta QUAL O SEU SONHO? respondida por moradores da Maré – os sonhos foram recolhidos durante um sarau do Curso Pré-vestibular CEASM, local onde a artista faz parte do coletivo. A pipa está pendurada no alto, a rabiola dá alcance aos espectadores durante a visitaçõo.







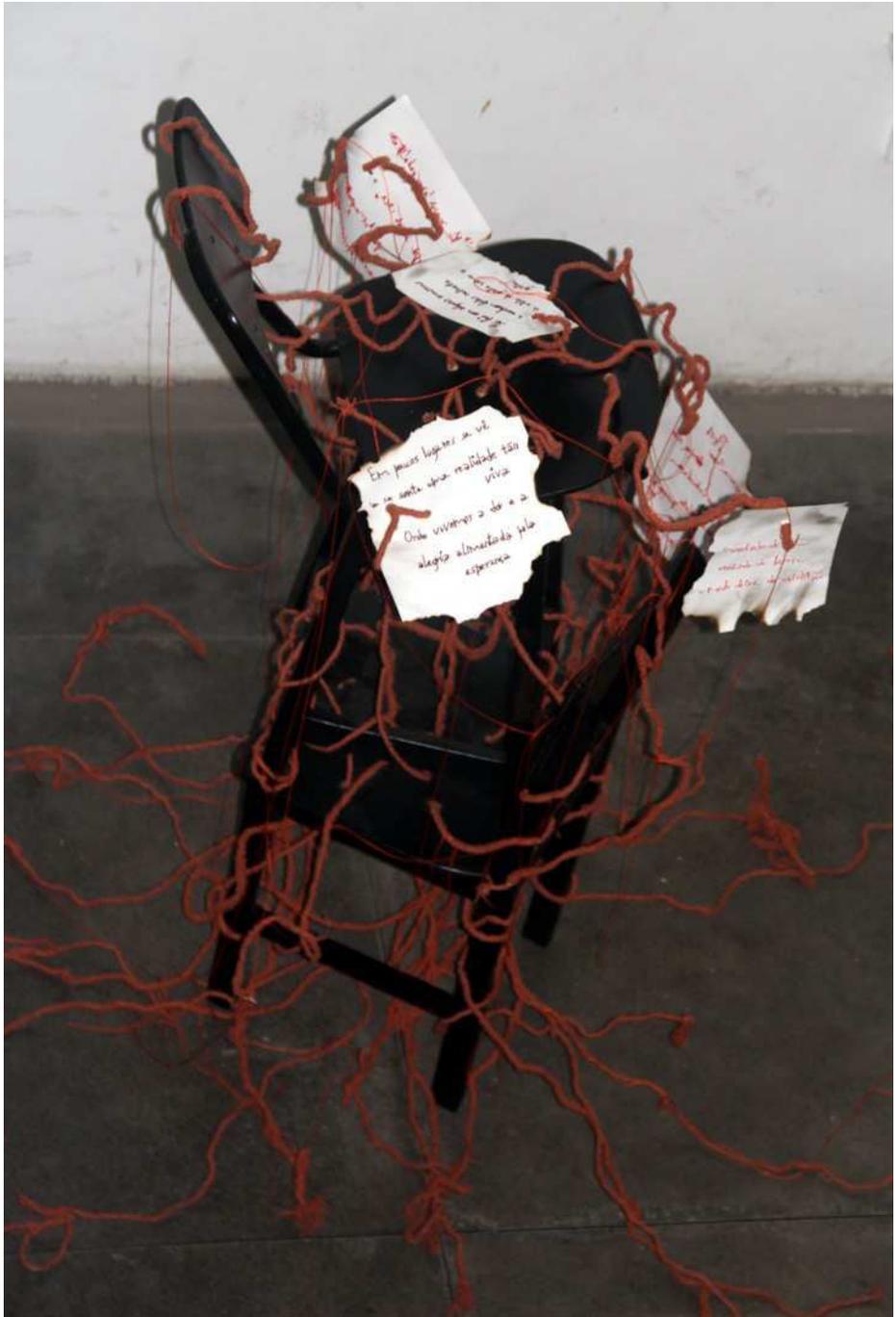
Em contraste com as camisas sociais brancas penduradas na entrada do museu, que representam o passado histórico das lavadeiras da Maré, as camisas de time são coloridas, atuais, muito presentes no cotidiano da comunidade.

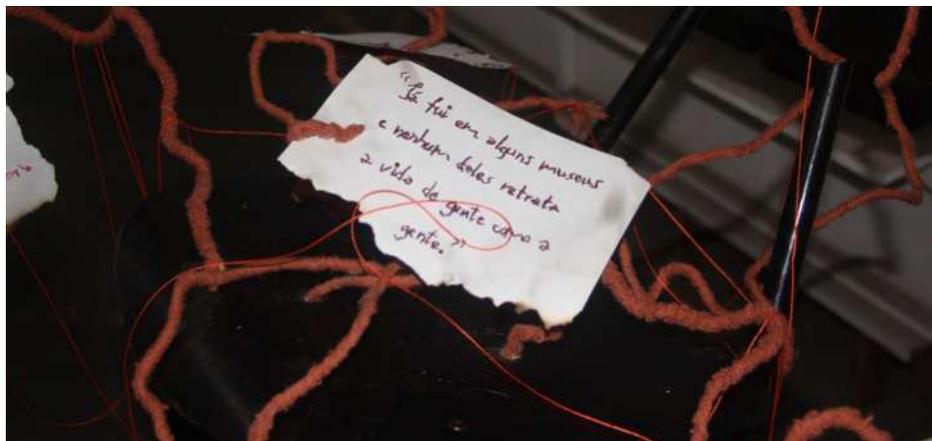
**Sara Tostes**

*Objetos também contam histórias*

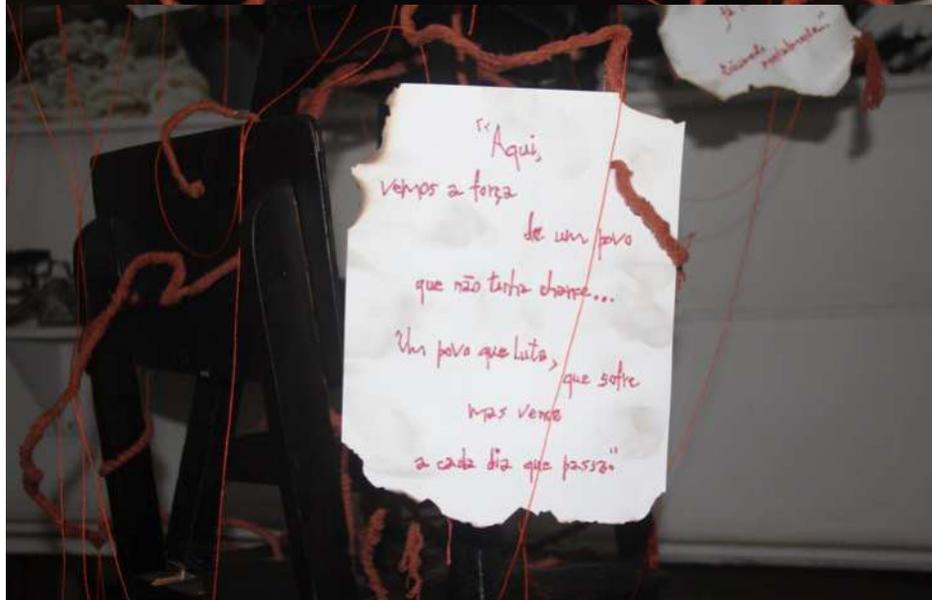
Cadeiras, arames, linhas, depoimentos bordados sobre papel

Intervenção no Tempo da Feira

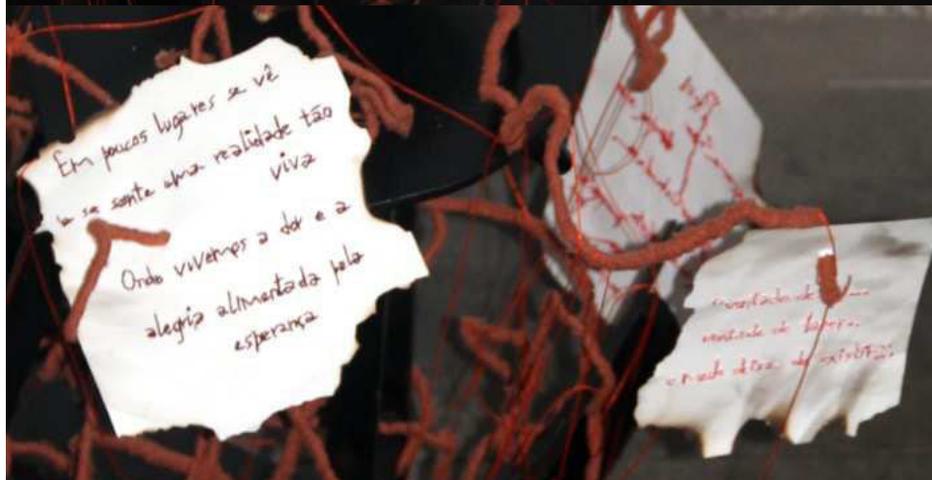




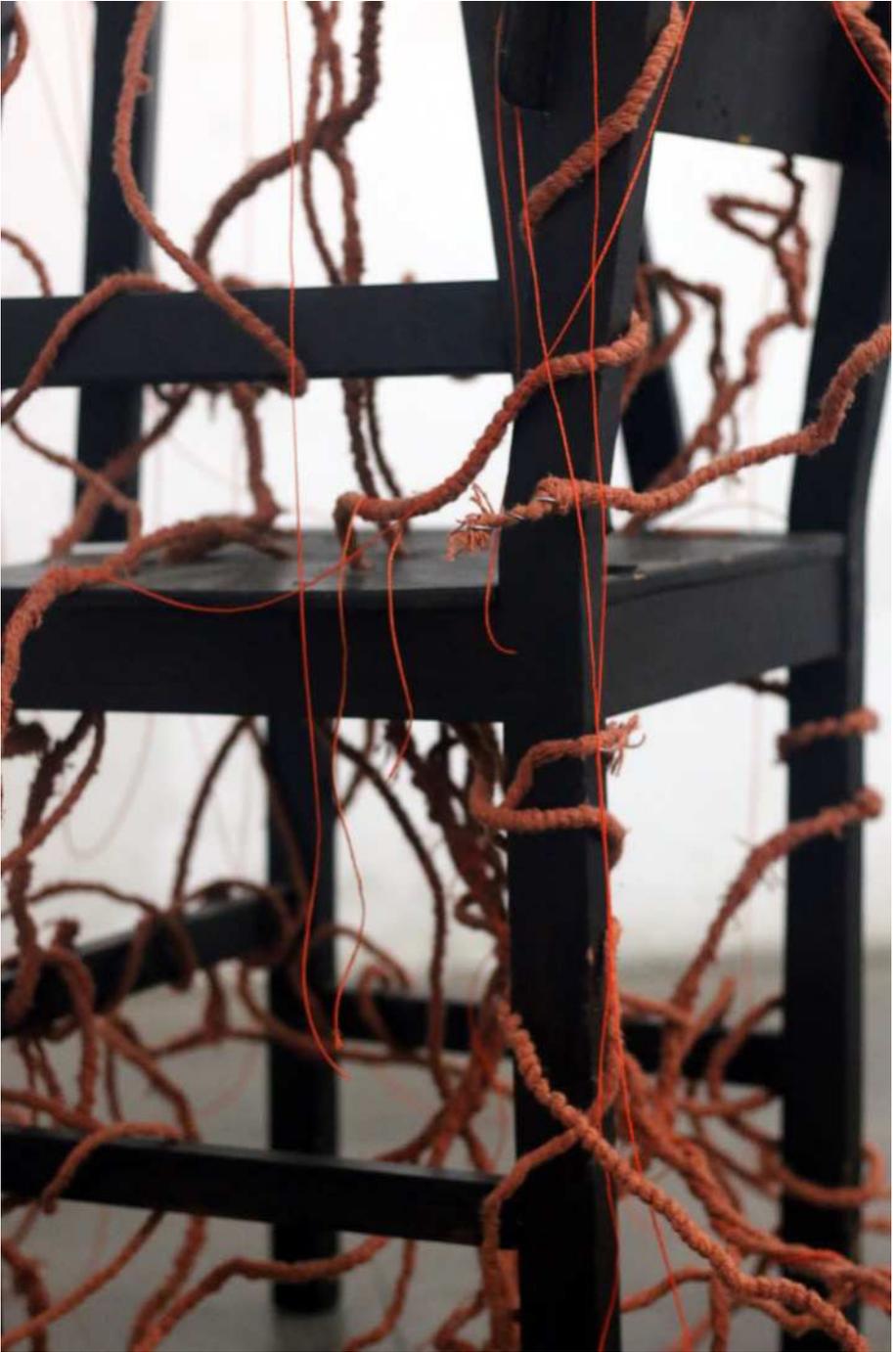
Se fui em alguns museus  
e verifiquei deles retrata  
a vida da gente como a  
gente.



Aqui  
vemos a força  
de um povo  
que não tinha chance...  
Um povo que luta,  
que sofre  
mas vence  
a cada dia que passa.



Em poucos lugares se vê  
a se sente uma realidade tão  
viva  
Onde vivemos a dor e a  
alegria alimentada pela  
esperança



O intuito da obra é explorar a ideia de memória, temporalidade e efemeridade do corpo através do uso de objetos do cotidiano, causando um estranhamento daquilo que nos é familiar.

## Kháos

### **PIETÀ (Variação No. 02)**

*Marinete e outras tantas Marias vítimas do extermínio de vidas pretas no Rio*

*Série (R)Existências Brasileiras*

Lambes, palavras, lembranças e dor... muita dor

120x200cm

### **PIETÀ (Variação No. 03)**

*As rosas da resistência nascem no asfalto*

*Série (R)Existências Brasileiras*

Gesso, tecido, resiliência... e inconformismo...

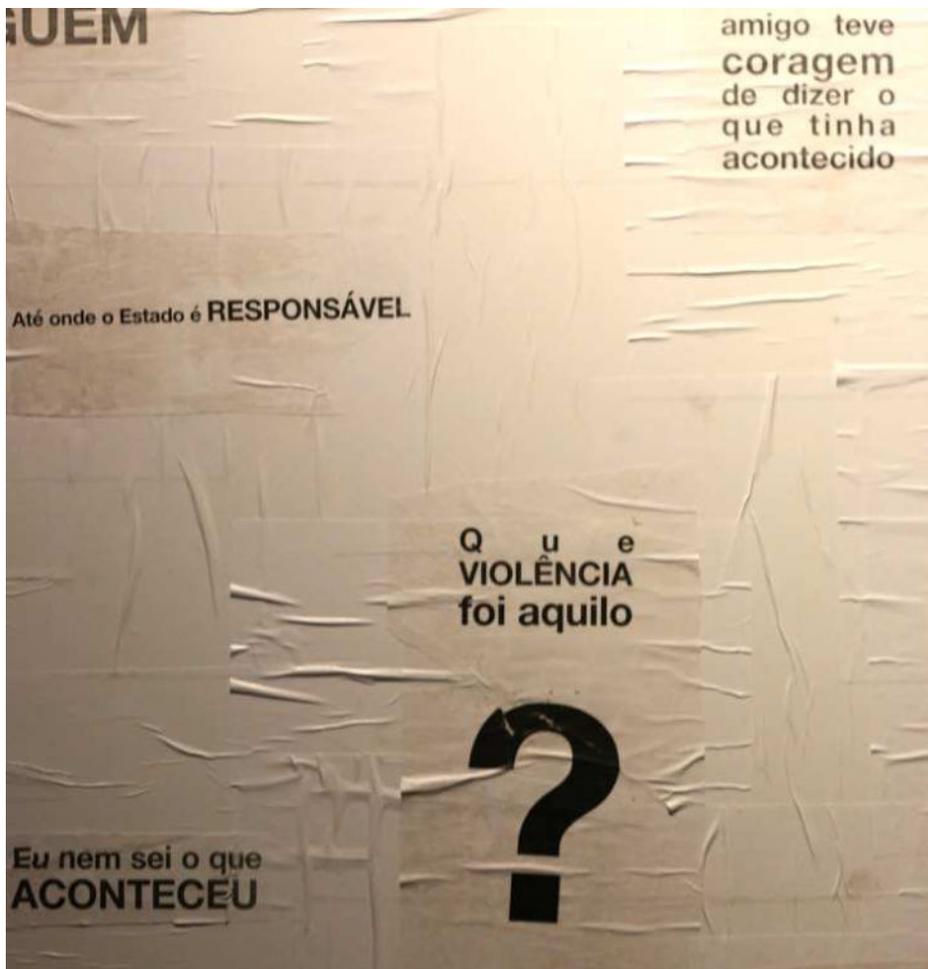
e a pergunta que não vai calar: Quem mandou matar?

200x200cm

Intervenção no Tempo do Medo







*PIETÂS DO KHÁOS* é um trabalho sobre dor e desamparo... é um trabalho sobre o LUTO. Em primeiro lugar, o LUTO das mães pretas cariocas que perdem seus filhos todos os dias, pelos mais diversos motivos, para a desmedida violência urbana já banalizada no nosso cotidiano. Em segundo lugar, o LUTO de cada um de nós, por nossas perdas contínuas e, sobretudo, pela constante sensação de exposição, de vulnerabilidade e de desproteção às quais somos involuntariamente submetidos. E, em terceiro lugar - não menos importante - o LUTO da sociedade brasileira pela violência imposta por arquétipos históricos de "Donos do Poder", que ainda insistem em tentar fazer de nosso país o paraíso da impunidade. Que ainda insistem em não aceitar (1) que o Brasil mudou... (2) que não vamos nos calar... (3) que VIDAS PRETAS IMPORTAM... e (4) que, queremos ver identificados e punidos "QUEM MANDA MATAR" a Democracia brasileira. NÃO PASSARÃO!

## Debora Pitasse

### Monumento Patrocinado

Lambes fixados na área interna e externa do Museu da Maré

Folhas em formato A4, A3 e A2

Intervenção no pátio do Museu da Maré







O trabalho nasce da pesquisa sobre *Stella do Patrocínio*, explorando o *Falatório* de Stella como proposição estética de enfrentamento ao Mundo moderno colonial. Stella do Patrocínio tinha 21 anos de idade e andava em Botafogo pela rua Voluntários da Pátria quando foi abordada pela polícia e levada a força ao pronto-socorro do Hospital D. Pedro II, onde foi diagnosticada com “esquizofrenia hebefrênica evoluindo sob reações psicóticas”. Nasceu em 1941, era uma mulher negra e filha de Zilda Francisca do Patrocínio, ambas trabalhavam como empregada doméstica. Em 1966 foi levada à Colônia Juliano Moreira, mesma instituição onde Arthur Bispo do Rosário foi internado durante a instauração de proposições da reforma psiquiátrica no Brasil.

## **TEMPO, TEMPO, TEMPOS**

Ivair Reinaldim

Como podemos ler no texto localizado logo na sua entrada, doze são os tempos do Museu da Maré, assim como doze são as horas percorridas pelo ponteiro do relógio e doze são os meses do ano. Contudo, se estas últimas constituem formas de mensurar o devir das coisas, naquele espaço, a organização do percurso museológico não procura exprimir o tempo cronológico; ela orienta doze modos de evidenciar diferentes traços do tempo vivido, aquele que se entrelaça com o território e as diferentes gerações de pessoas que o constituem. Mais do que produzir uma sensação unívoca daquilo que a Maré é, temos no Museu uma soma de narrativas multifacetadas, construídas por memórias pessoais e coletivas. Não são e não pretendem ser a história única, mas apresentam diferentes modos de se percorrer um fluxo heterogêneo de temporalidades, que fazem dali um lugar singular: a Maré.

Intervenção pressupõe um ato de interferência deliberada. É uma palavra presente na história do país e que ganha contornos ainda mais complicados na cidade do Rio de Janeiro. Ela está presente no imaginário de seus moradores – com pesos diferentes dependendo do lugar onde cada pessoa esteja – e reforça a assimetria de poder e as diversas camadas de violência de alguns em relação a muitos. Por isso, cabe fazermos algumas perguntas: como uma ação que pressupõe intervenções artísticas, vinculadas a um projeto de extensão universitária, pode tecer diálogos com o Museu da Maré e com a natureza de sua configuração, sem que esse peso da palavra “intervenção” seja reiterado? Como intervir – e compreender a intensidade desta interferência –, quando, na maior parte das vezes, esse processo é atravessado por encontros de pessoas com vivências diferentes? Difícil responder concretamente a essas questões, sobretudo se as respostas de fato não se implicarem com tal problema.

Talvez, um meio possível para enfrentarmos a questão da “intensidade” seja justamente considerarmos o caráter pedagógico de tal iniciativa. O Museu da Maré e a Escola de Belas Artes da UFRJ compartilham a proximidade na cartografia do Rio de Janeiro e objetivam, acima de tudo, um compromisso pedagógico. E aqui, mais do que pensarmos em formação profissional, cabe considerarmos conhecimento como prática

libertadora, como nos diz Paulo Freire, construído a partir de experiências compartilhadas, que não negam aquilo que cada pessoa traz para esse processo dialógico. Para ser libertadora, é preciso que na educação se corra riscos, não partindo de saberes pré-estabelecidos, a serem transmitidos por alguns em relação a muitos.

Algo que aprendi na minha colaboração com este projeto, é que nunca a relação entre universidade e museu se dá de modo completamente harmônico, mesmo que isso não se revele nas exposições e nas suas documentações. E aqui não seria diferente. Mas é no diálogo – nas consonâncias e dissonâncias – que o aprendizado se constrói. Creio, por isso, que no Museu da Maré, a partir de suas especificidades, foi preciso compreender e praticar essa pedagogia de um modo mais implicado, para que as intervenções artísticas fossem, antes de tudo, práticas éticas. E isso, sem o pressuposto deliberado de que o resultado seria alcançado justamente por partirmos do compromisso pedagógico dessa parceria. Pedagogia se vivencia e se constrói no fluxo cotidiano de cada ação, de cada encontro, de cada diálogo. Tensões não deixaram de existir – e nem deixarão; mas é também a partir delas que aprendemos e apreendemos nossa relação com o mundo.

Assim, não basta intervir artisticamente na estrutura física do museu, em seus acervos, em sua expografia, como se estivéssemos em qualquer outro lugar, aplicando uma cartilha da inserção da arte contemporânea nos circuitos de legitimação e seguindo os protocolos de visibilidade que garantem maior ou menor aderência a esse sistema. Pelo contrário; é preciso agir poeticamente a partir da relação com o território que circunscreve o Museu e do qual ele emerge e se configura. O aprendizado se dá, então, na abertura e na negociação daí decorrentes, para que as trocas ocorram em via de mão dupla, e para que novas narrativas afluam, sem pretenderem eliminar aquelas que já são correntes. Pois, não se trata aqui de uma política de confronto com a narrativa oficial que os museus mais tradicionais costumam representar – e que muitas vezes se evidenciaram nas edições anteriores do projeto –, mas de uma tentativa de olhar e trabalhar junto, a partir da Maré.

Nesse processo, algumas intervenções artísticas se fazem marcantes no espaço, são percebidas como algo que antes não estava naquele lugar. Outras, entretanto, são de difícil identificação, pois parecem se camuflar,

a ponto de darem a sensação de sempre terem estado ali. Não porque essa simbiose reclame uma homogeneidade e mesmo a perda de uma identidade artística, mas porque “aquilo que foi inserido no espaço” e “aquilo que ali já estava”, em seu entrelaçamento, representam também a natureza íntima desse diálogo com os tempos da Maré. Talvez, de fato, resida nesta observação aquilo que o projeto de extensão tenha de mais profícuo: não somente a ação universitária objetivando ampliar o alcance social daquilo que se produz nas salas de aula e nos laboratórios acadêmicos, ou mesmo a capacitação de estudantes para a prática profissional da arte contemporânea, mas o caráter pedagógico que se faz continuamente nas trocas que constituem o vivido.

### **Cinco intervenções, cinco diálogos**

**Vanessa Américo** talvez seja a artista cuja simbiose de seu trabalho com o lugar se evidencie de modo mais emblemático. Não à toa, uma vez que a estudante de Pintura é também moradora da Maré, atuando como colaboradora no Curso pré-vestibular do CEASM – Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré. Em *Maré de Sonhos* vemos uma grande pipa de algodão cru, com a palavra “sonho” bordada em sua superfície, suspensa no alto do grande galpão que acolhe o museu. Ao mesmo tempo em que o trabalho remete às muitas pipas vistas no céu da localidade – uma das atividades de lazer de seus moradores –, sua materialidade e seu tamanho bastante ampliado não deixam dúvidas de que aqui estamos diante de algo incomum. No entanto, com seu fio preso ao guarda-corpo da palafita, que se destaca no centro do espaço do museu, aquela pipa enorme parece dialogar com seu entorno, podendo ser avistada de diferentes pontos do percurso museológico.

De certo modo, tanto as pipas que “dançam” nos céus da Maré quanto aquela que parece plainar estática acima da palafita, no alto, podem ser compreendidas como metáforas daqueles sonhos que se alçam acima e para além de nós. A palavra “sonho”, presente na obra e no seu título, não deixa dúvidas em relação a isso, reforçada por uma série de papeizinhos na longa extensão de sua rabiola, cada um deles contendo respostas à pergunta “Qual é o seu sonho?” feita a diversos moradores da Maré em diferentes momentos. Assim, o trabalho não se reduz a sua materialidade, sendo também a soma dos desejos de muitas pessoas, o que faz com que aquela pipa cresça literal e poeticamente. Se o Museu

coleciona memórias que representam diversos momentos da história da Maré, o trabalho articula-se com seu entorno, mas para, a partir dele, projetar uma dimensão de futuro.

Outra intervenção quase imperceptível, e que não possui título, é a proposta de **Júlia Lopes**, estudante do curso de Desenho Industrial. Realizada em um espaço que reconstitui construções de alvenaria, repleta de fotografias que representam um pouco da visualidade da Maré, o trabalho compreende um longo varal, no qual vemos diversas camisetas de diferentes times de futebol, penduradas uma ao lado da outra. Ao vê-las nessa disposição, podemos pensar na convivência lado a lado das diferenças, mesmo que o imaginário relativo ao futebol seja quase sempre repleto de disputas. Também seu múltiplo colorido reforça essa percepção, algo inerente à própria Maré, complexo formado por 17 diferentes comunidades e cerca de 140 mil moradores.

Se as camisetas de times de futebol estão bastante presentes em nosso cotidiano, em todos os lugares, o trabalho também procura dialogar com certas memórias da Maré. Instalado no fundo do Galpão, a presença do varal repleto de camisetas coloridas contrasta com fotografias antigas, localizadas na posição oposta, próximas à entrada do museu, nas quais vemos varais repletos de camisas sociais brancas, que evidenciam uma das muitas atividades econômicas de seus moradores e que era desenvolvida por lavadeiras, moradoras da Maré. Assim, a instalação também procura tensionar diferentes temporalidades: um passado, mais ou menos distante, que sobrevive como imagem em preto e branco e na memória de algumas pessoas, e um presente, imediato, que se apresenta colorido, diverso e ao alcance das mãos.

*Objetos também contam histórias* é o título do trabalho de **Sara Tostes**, estudante do curso de Artes Visuais/Escultura. Em diálogo com o universo de imagens e objetos expostos em seu entorno, no entanto, o trabalho surge como algo não comum, como um complexo composto por elementos mais ou menos reconhecíveis, mas que não parecem se conciliar totalmente. Formado por diferentes cadeiras empilhadas, essa estrutura é atravessada por um emaranhado de caráter orgânico, que lembra um conjunto de raízes que ocupam aquele corpo e se espalham pelo chão. Vemos ainda, presos nesse emaranhado, alguns papéis com bordas queimadas e que contêm frases bordadas. De fato, aqui temos um

estranhamento inevitável (e desejado pela artista): reconhecemos os objetos e as técnicas, mas dispostos juntos na obra, não nos parece algo familiar, como tantos outros objetos doados por moradores e que fazem parte do museu.

A obra evidencia relações metafóricas entre raízes e memórias, tramas, bordados e narrativas. Nos papéis podemos ler trechos de depoimentos de moradores, que também fazem parte do acervo do museu, e que foram consultados pela artista durante a pesquisa. Representam fragmentos de memórias costurados naquela estrutura, mas não de modo a constituir uma colcha de retalhos, uniforme e coesa. Espalhados pelo conjunto escultórico, essas frases bordadas se mantêm próximas apenas porque há uma trama que persiste em não as deixar escapar ou mesmo se consumirem pelas chamas do esquecimento.

Em diálogo com o segmento que trata da violência, apresentam-se duas proposições de **Kháos**, doutorando do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UFRJ e egresso da graduação em Artes Visuais/Escultura, ambas as instalações pertencentes à série *(R)Existências Brasileiras*. Em *PIETÀ (Variação No. 02) – Marinete e outras tantas Marias vítimas do extermínio de vidas pretas no Rio*, vemos um conjunto de pequenos lambes, colados lado-a-lado, às vezes sobrepostos, alguns vazios, “em branco”, e outros contendo frases de Marinete Franco, mãe de Marielle, extraídas de diversos de seus depoimentos públicos nos últimos anos. Espécie de monumento provisório contra múltiplas violências – devido à natureza efêmera da técnica do lambe –, as múltiplas falas de Marinete ecoam como a voz de muitas outras mães, questionando a violência contra pessoas pretas e os posicionamentos de poder que contribuem para a manutenção da impunidade na cidade e no país.

Logo abaixo da parede com os lambes, vemos *PIETÀ (Variação No. 03) – As rosas da resistência nascem no asfalto*, um conjunto de peças reproduzindo uma grande quantidade de projéteis de gesso espalhados pelo chão escuro, em meio a um conjunto de rosas brancas. O trabalho e seu título fazem referência ao trecho do discurso de Marielle Franco proferido no Plenário da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, no dia 8 de março de 2018. Assim como a voz de Marinete, a fala de Marielle continua a ecoar, mas nos lembrando que, apesar da violência e do

medo, a resistência aflora e se faz presente. As histórias de Marielle e da Maré se entrelaçam, mas também se projetam para além delas mesmas. Talvez esteja aí uma chave de apreensão de *Monumento Patrocinado*, trabalho de **Debora Pitasse**, estudante da Licenciatura em Artes Visuais, realizado no pátio externo do Museu da Maré. Trata-se também de um monumento provisório, formado por um conjunto de lambes fixados no muro, com impressões em diferentes tamanhos, reproduzindo e multiplicando uma das duas únicas fotografias conhecidas de Stella do Patrocínio. O trabalho nasce de uma pesquisa sobre a história de Stella, que aos 21 anos de idade foi encarcerada, a partir de um diagnóstico de esquizofrenia, passando o restante de sua vida entre o Hospital Pedro II e a Colônia Juliano Moreira. Na Colônia, seus diálogos com a artista Carla Gagliardi foram gravados, e sua fala – conhecida como Falatórios – ganharam uma dimensão pública anos mais tarde.

Stella era uma mulher negra, sem o direito de ir e vir, mas que por meio de sua voz dava sentido a seu mundo e a seu entorno. Aparentemente, não se sabe de uma relação direta dela com a Maré – e nem há aqui um diálogo intrínseco com o acervo do Museu. Contudo, por meio da inserção de sua imagem fotográfica sobre o muro, a fisionomia de Stella passa a ocupar e a fazer parte daquele espaço, somando-se ainda a presença de alguns trechos extraídos de seus Falatórios, que também permitem conhecer um pouco de sua voz. No alto do muro, a pergunta escrita pela artista – “Quem é essa mulher?” – nos instiga a saber sobre ela. Se Marielle e Maré se entrelaçam, por que não ocorreria o mesmo entre Stella e aquele lugar? Diria que Stella é uma das muitas rosas da resistência, que em meio a um asfalto tão árido e hostil, floresceu. Talvez na presença da imagem e da voz de Stella no muro da Maré – naquilo que extrapola limites, impostos ou imaginados – resida algo dessa pedagogia que se constrói no tempo do vivido e que pode ser de fato libertadora.

## **MINIBIOS DOS ARTISTAS E AUTORES**

**Ale Moret** ou **Xande** (2002) é artista e pesquisador niteroiense e graduando em Artes Visuais-Escultura, EBA/UFRJ. Seus projetos e obras têm como foco relações interpessoais e intrapessoais, e os sentimentos que se fomentam a partir de tais relações.

**Beatriz Pimenta Velloso** é artista e Professora Associada do Departamento de Artes Visuais-Escultura, na EBA/UFRJ, coordena o Projeto de Extensão *Intervenções: arte contemporânea em museus do Estado do Rio de Janeiro*, desde 2014 é líder do Grupo de Pesquisa *A arte, a História e o Museu em processo*, CNPq/UFRJ.

**Cláudia Rose** nasceu na favela da Maré, no Rio de Janeiro. É graduada em História pela UERJ; mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais pelo Programa de Pós-graduação em História da FGV-RJ; e professora de História, na Rede Pública do município do Rio de Janeiro. É co-fundadora do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM) e do Museu da Maré. Entre 2009 e 2011, foi chefe do Núcleo de Museologia Social do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Atualmente, é coordenadora geral do Museu da Maré.

**Clarelis Rodrigues da Silva** é graduanda em História da Arte na EBA/UFRJ. Atualmente é pesquisadora e bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação Artística e Cultural (PIBIAC), pelo projeto “EBA Contemporânea”. Atua como organizadora e curadora do “Para Além da Margem”, projeto expositivo independente de fomento à produção artística de mulheres negras periféricas. É integrante do projeto de pesquisa: “A favela e a universidade: histórias e narrativas do Rio de Janeiro em transformação” vinculado a Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

**Daniel Gore**, nascido no Rio de Janeiro em 2001, é artista, designer e graduando em Artes Visuais-Escultura, EBA/UFRJ. Traz em sua obras investigações sobre os diálogos que o ser humano e a tecnologia estabelecem entre si, através de fabulações e cenários fantásticos que ilustram universos poéticos.

**Débora Pitasse**, nascida e criada na cidade do Rio de Janeiro, é artista, pesquisadora, educadora e graduanda em Licenciatura - Artes Visuais, EBA/UFRJ. Possui em sua pesquisa o atravessamento pelos estudos de decolonialidades, onde investiga as relações dialéticas que atravessam as formações dos sujeitos, investigando aspectos poéticos, históricos, políticos e estéticos sob o olhar das teorias em artes visuais.

**Dinah de Oliveira** é Professora Adjunta e Pesquisadora Institucional, da EBA/UFRJ, no curso de Artes Visuais-Escultura. Doutora em Artes Visuais (PPGAV/EBA) UFRJ, Mestra em Artes Cênicas e Bacharel em Teoria do Teatro (UNIRIO). É professora da Linha Imagem e Cultura, PPGAV/EBA/UFRJ, membra do Grupo de pesquisa ACesta ABorda: arte, história e estudos visuais, Diretório CNPq, é pesquisadora associada da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP), é psicanalista, associada do Corpo Freudiano do Rio de Janeiro. Atua na função de editora da revista Arte & Ensaios do PPGAV/EBA/UFRJ, desde 2022-2.

**Elisa Glener**, nasceu e vive no Rio de Janeiro, é graduanda em Artes Visuais/Escultura, EBA/UFRJ. Seu trabalho investiga os pequenos detalhes da experiência humana e sua existência nesse lugar que chamamos de lar ou mundo. Seu processo artístico experimenta falar sobre si em relação ao outro, o que os une, o que os separa, aquilo que tem nos cercado, o que vemos mas não podemos tocar e o que sentimos porém não conseguimos ver. Segue tentando falar sobre ser.

**Flavio Vindaurre** é ator, professor de teatro, cenógrafo e coordenador artístico de projetos socioculturais, formado pela Escola de Teatro Martins Pena e Licenciatura em Teatro na UNIRIO. Desde 2012, faz a coordenação artística o Projeto “Entre Lugares Maré” e do Festival de Cenas Curtas “Maré em Cena”. Em 2019, começou a integrar a Equipe de Comunicação do Museu da Maré. É integrante dos projetos “Costuras Urbanas” e “Entretempos – Morro da Conceição”, como artista caminhante, editor de vídeos e social media. Designer Gráfico do projeto Entre Lugares Maré, com criação de peças de divulgação das atividades culturais, também é cenógrafo dos espetáculos “Casa Invadida” (2020), “Nem Todo Filho Vingou” (2021), “Das Dores” (2023) e “Dos Nossos Para os Nossos” (2023).

**Ivair Reinaldim** é Bolsista Cientista do Nosso Estado – CNE/FAPERJ (2023-2025), Professor Adjunto do Departamento de História e Teoria da Arte e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais na Escola de Belas Artes da UFRJ. Tem experiência nas áreas de crítica, curadoria, historiografia, história e teoria da arte.

**Júlia Lopes**, nascida na região da Costa Verde, vive no Rio de Janeiro, onde atualmente é estudante de Design Industrial na EBA/UFRJ. Tem seu estudo focado em questões sociais e expressões artísticas do cotidiano. Tem como seus principais atividades a fotografia, a pintura e o desenho.

**Gabe Gamaliel**, Rio de Janeiro, 1999. Ex ocupante de seu colégio nos movimentos de 2016, Gabe é ativista antidisciplinar, pesquisador bolsista PIBIC, com a pesquisa "Pedagogias Antidisciplinares" (2023),

atualmente é graduando em História da Arte pela EBA/UFRJ. Sua produção é atravessada pela tríade: corpo, instituições e meio ambiente. Com um apelo ao bizarro e grotesco, a série TUC apresenta, em um novo capítulo, eco com as fabulações distópicas do artista observadas acerca das corpografias urbanas de corpos dissidentes. Para a produção de Gamaliel o caráter antidisciplinar mais do que uma escolha de suporte artístico é uma escolha de atuação política na possibilidade de subversão dos meios de produção segmentados pelos modelos da tradição artística hegemônica. O artista vê no horror um canal de subversão de expectativa por meio do estranho e inóspito, TUC ou Teoria da Unificação das Corpos III é a primeira escultura de sua produção, assim como uma nova perspectiva de representação para o universo a parte criado pelo artista em sua produção que se inicia no desenho e agora ocupa o tridimensional nesta escultura/instalação.

**Kháos (Marcelo Franco)** é Artista Visual. Desenvolve projetos artísticos e pesquisas sobre “Tensões Sociais na Contemporaneidade” utilizando: (1) os Marcadores Sociais da Diferença - sobretudo Classe, Raça, Gênero e Sexualidade -, (2) o Turismo e as Representações Sociais sobre o Brasil e/ou sobre os brasileiros e (3) os Futuros Possíveis (do Presente, Utópico e/ou Distópico) na articulação entre Arte e Tecnologia. Atualmente é Doutorando na Linha de Pesquisa “Linguagens Visuais” do Programa PPGAV/EBA/UFRJ. É Mestre em Saúde Coletiva, com ênfase em Ciências Humanas e Saúde, pelo IMS/UERJ (2005). Possui graduação em Artes Visuais/Escultura pela Escola de Belas Artes/UFRJ (2022) e em Ciências Sociais pela PUC-Rio (2002). Tem como marca a combinação de múltiplas linguagens, num processo de criação qual, normalmente, parte da escultura e se combina com performance, fotografia, instalação, pintura, cerâmica, etc. Sua produção atual está composta, sobretudo, de trabalhos monocromáticos na cor branca, com o intuito de reforçar o caráter de crítica social e racial, provocando seus interlocutores ao afirmar que: “O que é branco é aceito com mais facilidade na sociedade brasileira”.

**Lívia Di Santi**, Campinas, SP, 1999, vive e trabalha no Rio de Janeiro, RJ, é artista-pesquisadora e graduanda em Artes Visuais-Escultura, EBA/UFRJ, e pesquisadora PIBIC. Guiada pelo encantamento na visceralidade, a prática da artista investiga o campo da repulsa, do nojo e da dor como princípios fundamentados no desejo do erotismo e da morte.

**Matheus Frazão** cursa Licenciatura em Teatro, na UNIRIO, é ator, dramaturgo, arte educador, performer e contador de histórias. Atua há 10 anos no Museu da Maré como contador de histórias e há 5 anos como arte educador. Além de mediador do Museu, trabalha na orientação de adolescentes do programa Jovens FAPERJ. No teatro, em 2017 e 2018, trabalhou como ator no espetáculo *Exu a Luz no Caminho*, do diretor

Bruno Caria; em 2020, com a esquete *Cavalo Alado*, do diretor Diogo Nunes; em 2022, integrou o grupo *Cabaré Incoerente*, participou do espetáculo *Banquete Antropofágico*, da diretora Christina Streva. Em 2023, escreveu os espetáculos *Cortejo Favela - Os Brasis de Darcy* e *Gambiarra Brincando*, nesse último também esteve no elenco. Ainda em 2023, retornou aos palcos, com a esquete *Cavalo Alado* no FENF (Festival de Nova Friburgo), ganhando a melhor cena e sendo indicado para o prêmio de melhor ator, melhor direção e melhor texto, participou do *Festival II Black* e da *Mostra de Cenas Curtas de Niterói*. Atualmente é arte-educador no projeto de promoção socioambiental ECOA MARÉ, do CEASM (Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré), atuando também como mediador de leitura na Biblioteca Comunitária Elias José.

**Sara Tostes**, Itaperuna, RJ, 2000, é uma artista visual que explora a linguagem artística do bordado e da costura em suas criações. Sua poética se desenvolve a partir do estudo da arte contemporânea, utilizando o ato de tecer para conectar e reconectar as pessoas a ambientes e materiais cotidianos, por meio da meticulosa manipulação da linha.

**Vanessa Américo**, graduada em Psicologia, pela PUC-Rio (2013), atualmente é graduanda em Pintura, na EBA/UFRJ. Como artista-pesquisadora investiga o que há de mais íntimo no ser humano e que muitas vezes não cabe em palavras. Anda trilhando um caminho de experimentações, em busca de sua poética para além da pintura, expandindo sua forma de se expressar através da arte.

**Vix Palhano**, graduande em Artes Visuais-Escultura, EBA/UFRJ, sua pesquisa pensa e articula os corpos (ou as corpas) tidas por "não verdadeiras" dentro das relações de mundo instauradas pelo biopoder, pensando o que é, o que não é artificial e o lugar de presença das identidades e indivíduos entendidos como não reais.







Também passa o tempo  
Muito coisa a nossa verdade  
Agora, ciência na rua E assim  
E a brincadeira com o tempo

